

Exemplar avulso: R\$ 23,60



IDENTIDADE ADVENTISTA

A doutrina
do santuário

Os adventistas
e o sétimo dia

A igreja
remanescente



UMA REVISTA PARA PASTORES E LÍDERES DE IGREJA

MINISTÉRIO

MAR-ABR • 2026



O CRISTÃO E O CAMALEÃO



Milton Andrade
editor da revista
Ministério

O camaleão é um réptil fascinante, conhecido por sua habilidade de mudar de cor, um recurso usado para camuflagem, para a regulação da temperatura corporal e para a comunicação entre camaleões. Essa transformação ocorre graças a células especiais em sua pele, que refletem a luz de diferentes maneiras. O resultado é um espetáculo de cores que deixaria até um pavão com inveja.

De modo semelhante, muitos cristãos “mudam de cor” no dia a dia para se misturar a diversos contextos e ambientes, adotando comportamentos que não condizem com a fé que professam. Com isso, sua identidade espiritual se torna fragmentada, incoerente e, por vezes, imperceptível.

Um dos maiores desafios da era pós-moderna é justamente a fragmentação da identidade – a perda de uma noção integrada de quem realmente somos. Isso me faz lembrar de um filósofo que, ao ser perguntado “Como vai você?”, respondeu com ironia: “Em qual andar?” Ele comparava sua vida a uma casa de vários andares, sugerindo que seus sentimentos, palavras e atitudes variavam conforme o “andar” em que se encontrava.

Em certo sentido, isso é compreensível. Afinal, todos exercemos diferentes papéis sociais: somos filhos, profissionais, cidadãos e irmãos de fé. No entanto, quando alguém muda seus princípios e valores a cada contexto, a ponto de não ser reconhecido como a mesma pessoa, há uma grave crise de identidade. E esse é justamente o problema de Laodiceia, a igreja que aguarda a volta de Cristo. Jesus a adverte: “Você diz: ‘Sou rico, estou bem de vida e não preciso de nada’. Mas você não sabe que é infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu” (Ap 3:17).

No livro *Mission Drift* (Bethany House, 2014, p.16), Peter Greer e Chris Horst fazem um alerta contundente: “Sem vigilância constante, organizações de fé inevitavelmente se desviarão de seu propósito e missão originais.” Eles citam exemplos marcantes, como Harvard, Yale e Princeton – universidades que nasceram firmadas em princípios cristãos, mas se afastaram tanto dos “marcos antigos” (cf. Pv 22:28) que hoje são descritas como instituições “sem Deus”.

A pergunta inevitável é: como preservar a identidade? A resposta está no exemplo de Jesus. Ele nunca perdeu a consciência de quem era. Quando questionado pelos líderes religiosos, afirmou

com convicção: “Sei de onde vim e para onde vou” (Jo 8:14). Esse claro senso de identidade – fruto de Sua comunhão com o Pai – deu propósito ao Seu ministério (cf. Jo 6:38).

Da mesma forma, cada adventista é chamado a manter coerência em todos os “andares de sua casa”. Precisamos saber qual é nossa origem, quem somos e para onde vamos. Em qualquer contexto, devemos ser reconhecidos como seguidores de Cristo, o povo remanescente que guarda os mandamentos de Deus e tem a fé em Jesus (cf. Ap 12:17).

O plano de Deus é que abracemos o “Assim diz o Senhor”, traduzindo-o em um estilo de vida coerente. O apóstolo Paulo escreveu: “E não vivam conforme os padrões deste mundo, mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente”

(Rm 12:2). Enquanto o camaleão se conforma ao ambiente, o cristão é chamado a transformá-lo.

Não podemos ser uma igreja guiada por achismos, nem nos tornar reféns do secularismo, ecoando a cultura em vez de proclamar a voz de Deus. Somos um movimento profético, com um corpo doutrinário sólido e o chamado para pregar ao mundo com “grande voz”.

Você está seguro de sua verdadeira identidade ou tem se camuflado sob as luzes deste mundo? ■

“
**Precisamos
saber qual é
nossa origem,
quem somos
e para onde
vamos.**”



8

Identidade
adventista

Jônatas Leal



16

Os adventistas
e o sétimo dia

Márcio Tonetti



12

A doutrina
do santuário

Elias Brasil

22

A igreja
remanescente

Gerhard Pfandl



26

Um palhaço
no palácio

Pablo Ale



28

A verdade
que liberta

Ruben Aguilár



S U M Á R I O

Editorial	2
Entrelinhas	5
Entrevista	6
Ponto a ponto	32
Dicas de leitura	34
Palavra final	35

MINISTÉRIO

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 98 – Número 584 – Mar/Abr 2026
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Milton Andrade
Editor Associado Márcio Tonetti
Revisora Rose Santos

Editor de Arte Thiago Lobo
Projeto Gráfico Fernando De Lima
Capa e Layout Fábio Fernandes
Programação Visual Renan Martin

Ministério na Internet
www.ministeriopastoral.com.br
@revistaministerio
@revistaministerio
@MinisterioBRA
ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial
Carlos Gill; Otávio Barreto; Jônatas Leal; Pablo Ale;
Jongimipi Papu; Jeffrey Brown; Adrián Bentancor;
Claudiney Santos; Crístian Zaldúa; Daniel Ibarra;
Edison Choque; Elieser Vargas; Francisco Abdoval;
Guillermo Efrain; Henrique Gonçalves; Javier Ayala;
José Erinaldo; José Wilson; Luis Mário; Marcelo
Carvalho; Milton Mayo; Otmar Gonçalves;
Reginaldo Irala.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatui, SP

Presidente Uilson Garcia
Diretor Financeiro Diego Lottermann
Gerente Editorial Wellington Barbosa

Serviço de Atendimento ao Cliente
Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 114,90
Exemplar Avulso: R\$ 23,60



ABIB
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
IMPRESSORES

Todos os direitos reservados. Proibida
a reprodução total ou parcial, por
qualquer meios, sejam impressos,
eletrônicos, fotográficos ou sonoros,
entre outros, sem prévia autorização
por escrito da editora.

Série ANDREWS



COM BOX
ESPECIAL

COMENTÁRIO
BÍBLICO ANDREWS

4

VOLUMES



Contém
**artigos e ensaios
suplementares** que
enriquecem e ampliam
a compreensão das
Escrituras.

Fornecer ao leitor
diversos dados sobre
as línguas originais,
crenças bíblicas
e arqueologia.

Obra de referência
na área da Teologia,
com **conteúdo atual,
abrangente e objetivo.**



E-commerce
CPB.COM.BR



Call Center
0800-8790606
15 98100-5073



CPB Livraria
Acesse e confira
a livraria mais próxima



Baixe o
Aplicativo



CPB
pra toda a vida

Escreva para a MINISTÉRIO



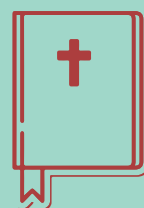
ministerio@cpb.com.br

AaI

Utilize fonte
Arial, tamanho
12, espaço 1,5

¹Ranko Stefanovic, *Plain
Revelation* (Berrien
Springs, MI: Andrews
University Press,
2013), p. 46.

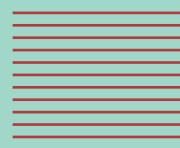
Insira **notas** de
fim de texto



Use a versão
bíblica **NAA**



Envie uma foto
pessoal em alta
resolução



Escreva textos de
8 mil até **12 mil**
caracteres com
espaços

Temáticas

- Teologia
- Missão
- Pregação
- Espiritualidade
- Saúde
- Administração
- Liturgia
- História da igreja



Carlos Gill
secretário ministerial
para a Igreja Adventista
na América do Sul

A ÂNCORA E A BÚSSOLA DO MINISTÉRIO

ENTRELINHAS



“Quem é você?” (Jo 1:19). A pergunta feita a João Batista por sacerdotes e levitas estava longe de ser mera curiosidade; era uma forma de pressão. Vindos de Jerusalém, trouxeram consigo expectativas e categorias prontas: “Você é Elias? [...] Você é o profeta?” (Jo 1:21). Tentavam defini-lo a partir de parâmetros externos, de fora para dentro.

João, porém, não se deixou moldar por essa pressão. Não negociou sua identidade com o clima do momento. Recusou títulos que outras pessoas teriam abraçado e definiu-se a partir de sua missão: “Eu sou a voz do que clama no deserto” (Jo 1:23). João se autodenominou “voz” porque havia sido enviado para preparar o caminho para a vinda de Cristo. Sua identidade não nasceu da opinião alheia, mas de uma compreensão clara da missão recebida. Isso nos ensina que, quando a missão está clara, a identidade permanece firme.

Esse princípio é decisivo para o ministério hoje. Vivemos em um tempo de múltiplas pressões: expectativas, urgências, correntes de pensamento, modismos e a tirania do imediatismo. Em um mundo “líquido”, ficar à deriva é um destino fácil. Paulo advertiu que, sem ancoragem, acabamos “levados de um lado para outro por qualquer vento de doutrina” (Ef 4:14).

Nesse contexto, a missão cumpre um duplo papel: âncora e bússola. É âncora porque nos firma quando sopram ventos de pressão e nos permite discernir, com segurança, o que não somos e o que não nos define, tornando clara a nossa identidade. E é bússola porque nos orienta a tomar decisões concretas: em uma agenda cheia, ajuda a distinguir o urgente do essencial, ordena prioridades e protege o pastor de se tornar especialista no secundário – eficiente no imediato, mas pobre no central.

Na Divisão Sul-Americana, estamos trabalhando com quatro prioridades estratégicas, e uma delas é a identidade. Não se trata apenas de um slogan, mas de uma necessidade espiritual e missional, pois a identidade se estabiliza quando retorna à sua raiz: a missão.

Por isso, a identidade adventista é, em essência, identidade missional. Existimos para fazer discípulos de Jesus Cristo e proclamar a todos o evangelho eterno no

contexto das três mensagens angélicas, preparando o mundo para o breve retorno de Jesus (Mt 28:18-20; At 1:8; Ap 14:6-12). Não somos um movimento definido por tendências; somos um povo chamado a testemunhar com clareza profética. Deus nos chamou como um povo que guarda os mandamentos de Deus e tem a fé de Jesus; esse remanescente anuncia a hora do juízo, proclama a salvação em Cristo e anuncia a proximidade de Sua segunda vinda. Essa proclamação, simbolizada pelos três anjos de Apocalipse 14, convida todos os crentes a participar desse testemunho mundial.

A missão do pastor está intimamente entrelaçada com a missão da igreja local e de seus departamentos, pois ambos estão comprometidos com a pregação do evangelho; o pastor atua como conselheiro e guia para que a igreja cumpra seu propósito. Nossa identidade pastoral se enraíza em conduzir o povo de Deus ao cumprimento de sua missão profética. Se o “quem sou” se apoia em qualquer outra coisa que não seja a missão, ele se desorienta e se fragiliza.

Voltemos, portanto, ao essencial: fidelidade à missão. É nela que nossa identidade se afirma e encontra direção. ■

“
**Nossa identidade
pastoral se enraíza
em conduzir o
povo de Deus ao
cumprimento
de sua missão
profética.**
”



QUESTÃO DE IDENTIDADE



Após 15 anos na direção da Associação Casa Editora Sul-Americana (Aces), o pastor Gabriel Cesano foi chamado para servir como um dos vice-presidentes da sede da Igreja Adventista para oito países do continente. Nascido em Buenos Aires, na Argentina, ele liderou, entre 1999 e 2003, o departamento de Publicações da então Missão Uruguia. De 2004 a 2009, atuou como diretor de Publicações da antiga União Austral, que abrangia Argentina, Paraguai e Uruguai. Posteriormente, após servir por um ano como secretário-executivo da Associação Argentina Central, foi nomeado presidente da Aces no fim de 2010. Com ampla experiência pastoral e administrativa, nesta entrevista ele reflete sobre a identidade adventista, uma das quatro prioridades estratégicas da igreja para este quinquênio. É casado com Verónica Ancheta, com quem tem dois filhos: Melanie e Matías.

Por que a identidade representa uma das quatro prioridades estratégicas?

Após a realização de uma pesquisa abrangente entre pastores e administradores de todos os níveis eclesiais e instituições, ficou definido que a identidade deveria ser um dos quatro pilares estratégicos. Ela expressa quem somos e quais são nossos valores e nossas crenças como adventistas. Quando uma denominação perde sua identidade, ela se aproxima perigosamente de sua própria dissolução. Portanto, trata-se de um aspecto fundamental.

Quais ações concretas a DSA tem promovido para fortalecer essa prioridade?

As ações incluem o apoio às iniciativas de implementação das prioridades estratégicas nas Uniões e nos Campos, o incentivo à integração dos processos, o auxílio na compreensão do modelo de liderança e o compartilhamento de dados e experiências. Nesse contexto, em agosto de 2025, toda a liderança da igreja na América do Sul se reuniu com o objetivo de definir propósitos, metas e ações necessárias para alcançar cada objetivo. Em seguida, nos meses posteriores, as Uniões, os Campos e as igrejas, juntamente com seus pastores, estabeleceram diferentes planos de

ação para fortalecer cada uma das prioridades. Por esse motivo, o agir – ou seja, o “como” – está sob a responsabilidade dos Campos eclesiais e das igrejas locais, que definem ações ajustadas ao contexto e à realidade de cada região.

No que diz respeito à identidade, foram definidos dois objetivos concretos, com suas respectivas metas: (1) fortalecer a identidade profética da Igreja Adventista do Sétimo Dia como povo remanescente; e (2) desenvolver

“É essencial dar continuidade a um processo formativo que permita ao novo membro consolidar e ampliar seu conhecimento sobre nossas crenças fundamentais.”

o compromisso dos membros com as crenças fundamentais e o estilo de vida adventista.

Nesse sentido, os departamentos da Divisão, em conjunto com seus líderes e pastores, estão plenamente comprometidos em orientar programas, ações e atividades, em cada área específica, para o fortalecimento e o alcance desses dois objetivos, bem como dos demais objetivos relacionados às outras três prioridades estratégicas.

Como vice-presidente da Divisão Sul-Americana, quais desafios o senhor observa em relação à identidade da igreja nessa região?

Graças a Deus, a igreja na América do Sul demonstra forte compromisso com sua identidade, bem como com seus valores, suas crenças e sua história. Esse resultado é fruto do trabalho coordenado de todas as áreas da denominação, desde a administração da Divisão até os pastores e anciãos das igrejas locais. Sem dúvida, merece destaque o papel dos nossos oito seminários de Teologia, que zelam pelo currículo responsável pela formação de novos pastores. Trata-se de um plano de estudos bem estruturado e orientado para o cuidado teológico da nossa identidade.

No entanto, um dos desafios observados é o fato de que a maioria de nossos membros possui menos de dez anos de batismo. Por isso, é necessário um trabalho amplo e coordenado para que todos recebam o conhecimento indispensável sobre as crenças fundamentais da igreja. Trata-se de uma tarefa permanente e contínua, que deve utilizar todos os recursos disponíveis para fortalecer a fé na Palavra de Deus.

Diante desse cenário, uma das metas propostas é que as congregações participem de um programa de estudo pós-batismal, com ênfase nas crenças fundamentais e no estilo de vida cristão. Não basta o estudo pré-batismal; é essencial dar continuidade a um processo formativo que permita ao novo membro consolidar e ampliar seu conhecimento sobre nossas crenças fundamentais.

O senhor desenvolveu grande parte do seu ministério na área de publicações. Como a literatura que produzimos contribui para a formação e o fortalecimento da nossa identidade?

Livros e revistas têm como objetivo principal pregar o evangelho e preparar os membros para o retorno de Jesus. Por isso, a identidade faz parte do DNA das nossas publicações. As editoras produzem materiais devocionais para crianças, adolescentes, jovens e adultos; Lições da Escola Sabatina; livros didáticos para nossas escolas, essenciais para integrar fé e ensino; além de revistas e outros títulos. Todos esses materiais buscam consolidar e fortalecer a fé, os valores, as crenças e a identidade dos membros.

Nesse sentido, a nossa literatura é essencial e indispensável. Como pastores, precisamos manter um contato constante com livros e revistas que nos mantêm atentos e conectados às nossas crenças. Os membros esperam que o pastor esteja plenamente comprometido com a identidade adventista, e essa expectativa é legítima. Portanto, uma maneira eficaz de preservar a identificação com nossos valores e nossa história é cultivar o hábito constante de uma boa leitura.

“A leitura regular de nossa literatura nos mantém atentos e conectados às nossas crenças.”

Que mensagem o senhor deixa aos pastores sobre a importância de trabalhar essa prioridade?

O tema da identidade adventista é fundamental para compreendermos adequadamente o que significa ser um adventista do sétimo dia na atualidade. A mensagem e a missão da igreja dependem de nossa compreensão e identificação com essa identidade. O apóstolo Paulo declarou, em 2 Coríntios 4:16: “Por isso não desanimamos. Pelo contrário, mesmo que o nosso ser exterior se desgaste, o nosso ser interior se renova dia a dia”. Como pastores, somos chamados a fazer todo esforço e a não desanimar, buscando a renovação diária no Senhor.

Precisamos mais de Cristo, de Seus ensinamentos e de uma compreensão mais profunda das nossas crenças, a fim de inspirar e edificar os irmãos em sua caminhada espiritual. Os membros necessitam e esperam que os pastores sejam firmes em suas crenças e valores. É impossível que a mensagem proclamada do púlpito tenha força se não estivermos comprometidos com essa identidade.

Por fim, destaco o trabalho com os novos membros. Assumimos o compromisso de realizar um esforço especial e intencional na preparação dos recém-batizados. Que Deus nos ajude e nos guie nessa tarefa vital para o amadurecimento da irmandade! ■



Jônatas Leal
diretor do Salt
e Espírito de
Profecia para a
Igreja Adventista
na América do Sul



IDENTIDADE ADVENTISTA

Dimensões bíblica, profética e missional

Com mais de 180 anos de história, a Igreja Adventista precisa, mais do que nunca, confrontar a questão de sua identidade histórica e teológica. Como movimento profético, o adventismo começou na primeira metade do século 19, em um contexto rural na costa leste dos Estados Unidos. Hoje, a denominação é um movimento mundial que ministra para uma sociedade cada vez mais urbana e, muitas vezes, hostil à religião. A igreja vive em um novo mundo, mas continua com a mesma missão. Sua missão e sua própria razão de existir estão intrinsecamente ligadas à sua identidade profética. Por isso, a discussão sobre identidade do adventismo é uma questão existencial.

As discussões sobre a identidade adventista normalmente envolvem o que nos difere dos outros movimentos religiosos. Embora isso seja natural e tenha o seu lugar – afinal, temos uma missão distinta como remanescente de Deus no tempo do fim –, essa abordagem pode levar a uma compreensão incompleta e até distorcida da identidade adventista. Para fazer justiça à sua própria reivindicação, a identidade adventista precisa ser biblicamente fundamentada, profeticamente engajada e missionalmente orientada.

Biblicamente fundamentada

Nossa identidade é definida por Deus no ato da criação. De acordo com Gênesis 1:26, Deus criou a humanidade à Sua imagem (*tselem*) e semelhança (*demut*). Embora essas duas palavras sejam usadas de forma intercambiável ao longo do Antigo Testamento, seu emprego nesse contexto sugere que a imagem de Deus abrange tanto aspectos concretos quanto abstratos. À luz do relato da criação, ser “humano” significa ser parecido com Deus. Assim, a serpente ofereceu a Eva algo que ela já possuía (cf. Gn 3:5): ser “como” Deus fazia parte da natureza intrínseca do ser humano. Em outras palavras, ser como Deus já fazia parte de sua identidade.

Na tentativa de ser como Deus do jeito errado, a humanidade se tornou como a serpente. Sem a intervenção divina, estaria para sempre aliada a Satanás (Gn 3:15). A perda da identidade original fica evidente nos primeiros momentos após a queda. Ela se manifesta na ruptura do relacionamento com o Criador, com a humanidade e com o meio ambiente (Gn 3:9-19). O primeiro homicídio (Gn 4:8-16) foi apenas a demonstração inicial do potencial para a maldade que a raça humana desenvolveu ao seguir os passos de um novo “pai” (Jo 8:44).

Portanto, o objetivo central da redenção é a restauração da imagem de Deus, ou, em outras palavras, a reparação da nossa identidade. Ellen White escreveu: “O tema central da Bíblia, em redor do qual giram todos os outros, é o plano da redenção, a restauração da imagem de Deus no ser humano.” Assim, de certo modo, quem Deus é provê a resposta sobre quem nós somos; em Deus, a humanidade encontra sua verdadeira identidade.¹

As Escrituras usam uma quantidade incontável de títulos, adjetivos e metáforas para descrever Deus. Entre todos esses, há pelo menos quatro substantivos e dois adjetivos que, respectivamente, retratam de maneira categórica a essência e o caráter de Deus.

Em primeiro lugar, Deus é espírito (Jo 4:24). No contexto do diálogo com a mulher samaritana, Jesus destaca que, como ser espiritual, Deus não está sujeito às limitações humanas. A humanidade foi criada à imagem de Deus, mas não tem a imagem de Deus; em outras palavras, ela é apenas semelhante a Ele.

Em segundo lugar, Deus é amor (1Jo 4:8). Embora a gramática grega não apresente essa afirmação como uma definição exaustiva de Deus, é evidente que o amor pertence essencialmente à Sua natureza. Assim, o amor não é apenas mais uma atividade no repertório divino; ele descreve tudo o que Deus faz.

Em terceiro lugar, Deus é santo (Sl 99:9). De maneira direta, Deus Se autodescreve como santo cinco vezes no livro de Levítico (11:44, 45; 19:2; 20:26; 21:8). “Santo” é também o título preferido de Isaías para Deus (40 vezes). No mesmo livro, Deus é adorado com a repetição tripla do adjetivo “santo” pelos serafins (Is 6:3), cujo refrão reaparece em Apocalipse 4:8. Como um Deus santo, Ele não tolera o mal em nenhuma de suas formas, independentemente da quantidade. Sua ira contra o pecado é o resultado direto da combinação de Sua natureza amorosa e santa.

Finalmente, Deus é justo (Dn 9:14). A justiça é um aspecto essencial do caráter moral de Deus, que se manifesta de modo concreto em Suas intervenções em favor do Seu povo (Ap 15:3).

Biblicamente falando, a restauração da imagem de Deus na humanidade envolve refletir, em nossa dimensão, os atributos divinos que caracterizam Sua essência e Seu caráter. A identidade adventista deve incluir esses atributos: amor (Jo 13:34), santidade (Lv 19:2) e justiça (1Pe 3:12).

Em Sua vida, Jesus veio mostrar o que significa ser humano. Ele veio revelar nossa verdadeira identidade. Esse papel de Cristo já é evidente na cena do juízo de Daniel 7,

em que os reinos do mundo são descritos como bestas híbridas lutando por domínio. À medida que a sequência histórica da visão se desenrola, esses aspectos animais tornam-se mais brutais e anômalos. Contudo, o domínio é dado a “Alguém como um Filho do Homem” (Dn 7:13) – o título preferido de Jesus nos evangelhos. O Segundo Adão veio para mostrar o ideal da humanidade. Assim, ao imitarmos Cristo, nossa identidade original é restaurada. Isso só é possível por meio do trabalho do Espírito Santo, o agente divino que restaura no crente a identidade perdida.

Por isso, é essencial compreender que Cristo está no centro da identidade adventista. Deixá-Lo de lado não significa apenas cair no legalismo; significa apresentar um retrato incompleto – e, pior ainda, distorcido – do nosso chamado. O chamado do remanescente no tempo do fim envolve a restauração da identidade perdida no Éden.

Profeticamente engajada

O surgimento da Igreja Adventista como remanescente no tempo do fim foi profeticamente anunciado (Ap 10). Ela surge para restaurar a verdade que, por anos, havia sido lançada por terra pelo chifre pequeno (Dn 8:12). Assim, o adventismo não é apenas mais uma opção no cardápio religioso da atualidade; seu papel é determinado por Deus a partir de sua identidade profética. Uma igreja profeticamente engajada compreende seu lugar na história e está comprometida com a restauração da verdade sobre quem Deus é e quem nós somos.

Desse modo, as crenças adventistas distintivas estão intimamente relacionadas à restauração da identidade perdida e ao seu papel profético nos últimos dias. Elas podem ser divididas em quatro áreas: *antropologia* (o que é o ser humano); *soteriologia* (o que o ser humano pode ser); *escatologia* (o que o ser humano será) e *ética* (o que o ser humano, pela graça, é).

Antropologia. O ser humano foi criado por Deus no sexto dia de uma semana literal. Tanto Adão quanto Eva foram criados física e moralmente perfeitos, sem inclinação para o mal. Como clímax da obra criada, eles refletiam a glória de Deus. Contudo, em rebelião contra o Criador e instigados por Satanás, comeram do fruto que Deus havia proibido, colocando-se ao lado do inimigo. Como resultado, a humanidade perdeu seu lugar no Éden e a imortalidade (que era condicional à sua fidelidade), e a morte passou a todos os seus descendentes. Na morte, o ser humano retorna ao pó e permanece inconsciente até a ressurreição final. Em sua condição caída, a humanidade está perdida para sempre.

Soteriologia. Imediatamente após a queda, o plano da redenção é revelado a Adão e Eva (Gn 3:15): a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente. O sentido da palavra *semente* passa de coletivo (descendência), na primeira parte do verso, para singular (descendente), na segunda metade. Jesus, o Descendente da mulher por excelência, vence de uma vez por todas a serpente ao assumir o lugar da humanidade e pagar o preço pelos seus pecados. Sua vitória na cruz foi completa (estado), mas não concluída (processo). Como sacrifício, Sua morte foi suficiente; contudo, à luz do ritual do santuário, ainda havia um trabalho a ser realizado pelo sacerdote, que, como representante do povo, entrava no santuário com o sangue ou a carne do animal inocente. Após a ressurreição, Cristo ascendeu ao Céu para ministrar diante do altar de incenso os méritos por Ele obtidos, “vivendo sempre para interceder” (Hb 7:25). Em Cristo, a humanidade encontra o caminho de volta e tem sua identidade restaurada.

Escatologia. Para assegurar à humanidade a restauração da identidade perdida no Éden e manter evidente a justiça de Seu caráter, Deus conduz um juízo pré-advento em benefício do restante da criação que não aderiu ao plano falido de Satanás. Esse juízo, que começou em 1844, culmina com a destruição final dos poderes das trevas e com a admissão dos remidos no reino consumado de Cristo (Dn 7:22). No juízo pré-advento, Jesus demonstra a nova identidade dos salvos, selada pelo Espírito e comprada com Seu sangue. Após a conclusão desse juízo, Cristo retorna de forma visível para buscar os remidos, que permanecerão no Céu por mil anos, antes de regressarem definitivamente à Terra, a qual será restaurada após o juízo final.

Ética. A salvação é retratada no Novo Testamento como uma realidade presente, pelo menos em seu estado inaugurado. Hoje, os filhos de Deus são chamados a viver a ética do Reino, pela graça de Cristo e pelo poder do Espírito. Há pelo menos dois aspectos cruciais da ética do Reino no contexto da soberania divina. Ambos estão presentes no tempo e espaço. Como um dos poucos resquícios do Éden, a observância do sábado é o mais poderoso lembrete da nossa identidade perdida. É uma proclamação no tempo sobre o nosso verdadeiro lar. Além disso, a soberania divina se estende ao nosso corpo, o qual somos chamados a cuidar como bons mordomos, não apenas evitando alimentos proibidos (Lv 11), mas sendo sábios ao agir em conformidade com as leis divinas inscritas na natureza.

A identidade adventista profeticamente engajada inclui cuidadosa atenção ao dom de profecia. Por meio do

ministério de Ellen White, a igreja tem recebido preciosa orientação. O espírito de profecia é uma marca da igreja remanescente (Ap 12:17; 19:10) e, por isso, parte integrante de sua identidade. Como profeta para o tempo do fim, Ellen White é mais do que uma autora devocional, e seus conselhos são mais do que conselhos; eles expressam a vontade de Deus. A negligência atual na leitura e no estudo dos Testemunhos invariavelmente vem acompanhada de perda e perigo espiritual.

Missionalmente orientada

Quando a identidade adventista é bíblicamente fundamentada e profeticamente engajada, sua correta compreensão resulta em uma igreja comprometida com a missão. A falha em entender o papel profético da igreja tem levado muitos à apatia e à indiferença. Como é evidente na história de Israel, identidade e missão são dois lados da mesma moeda. A perda da identidade resulta na incapacidade em cumprir a missão; por sua vez, a incapacidade em cumprir a missão leva à irrelevância.

Nesse ponto, por meio do ensino e do exemplo, o pastor adventista tem um papel crucial. Kevin Vanhoozer compara de forma apropriada o trabalho do pastor-teólogo ao de um oftalmologista, que ajuda as pessoas a enxergar com clareza a nova humanidade em Cristo. Segundo o autor, “ajudar as pessoas a entender quem são, por que estão aqui e para onde devem ir na jornada que é a vida talvez seja o ministério mais importante que exista.”²

Conclusão

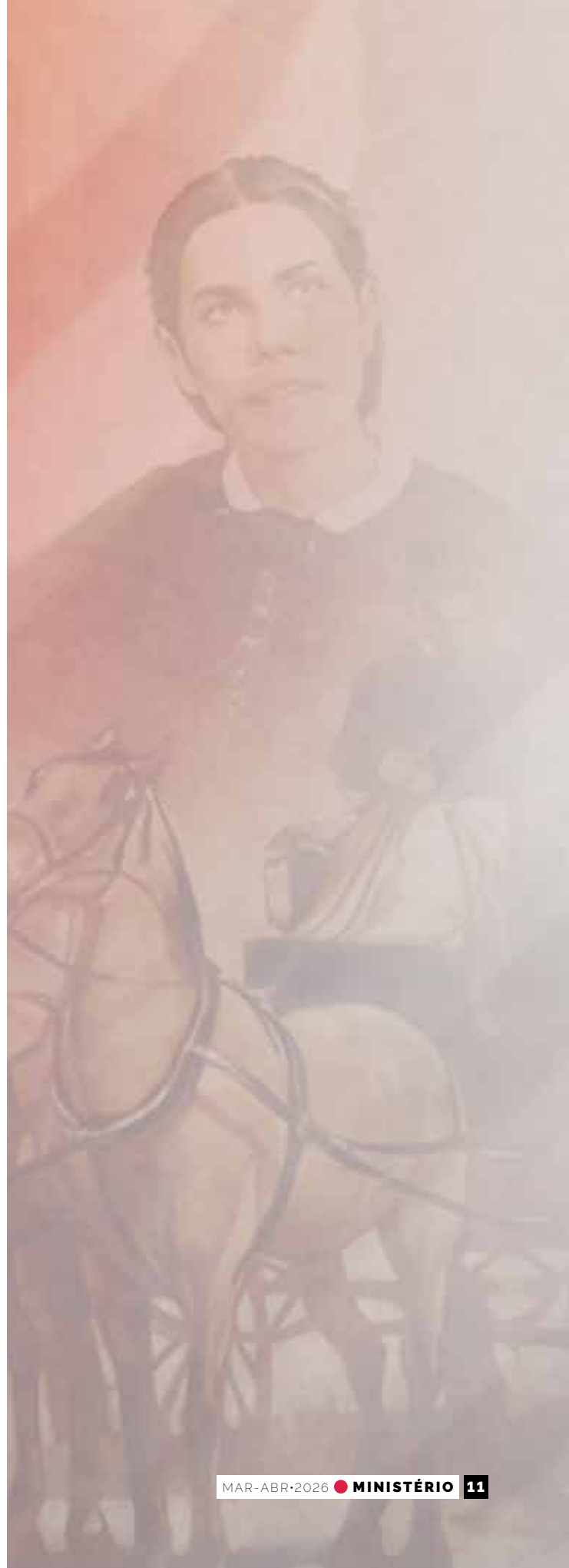
Quando a identidade adventista é bíblicamente fundamentada, a compreensão do papel profético da igreja como remanescente no tempo do fim torna-se clara. Uma vez compreendido esse papel, a igreja é motivada a orientar tudo o que faz para o cumprimento da missão. No centro dessa missão está a proclamação de que, em Cristo, a identidade perdida pode ser restaurada.

Assim como no Éden, a nova identidade em Cristo nos é atribuída. Nós mesmos não a produzimos; ela é um dom da graça. Por isso, essa identidade é cristocêntrica, pois é Cristo que veio revelar quem Deus é e como a humanidade pode voltar a ser. ■

Referências

¹ Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 87.

² Kevin Vanhoozer, *Hearers and Doers: A Pastor's Guide to Making Disciples Through Scripture and Doctrine* (Bellingham, WA: Lexham, 2019), p. 95.





A DOCTRINA DO SANTUÁRIO

Uma chave para entender a verdade bíblica como um todo

Este artigo oferece uma breve reflexão sobre a doutrina do santuário, concentrando-se em quatro aspectos significativos. Primeiro, enfatiza a base bíblica de um elemento tão decisivo para o nosso sistema de crenças. Segundo, mostra que a verdade do santuário é mais do que uma proposição intelectual, pois focaliza Jesus e O coloca no centro de nossa experiência cristã. Em terceiro lugar, evidencia que a doutrina do santuário possui um notável poder explicativo, ao lançar luz sobre outros aspectos de nossas Crenças Fundamentais, especialmente aqueles relacionados à salvação e à escatologia. Por fim, destaca o papel dessa verdade na formação da identidade, da mensagem e da missão da igreja. A seção final resume os pontos principais.

Fundamento bíblico

Para começar, deve-se enfatizar que a doutrina do santuário repousa sobre um sólido fundamento bíblico. Do Gênesis ao Apocalipse, do tabernáculo ao Templo de Salomão, do Éden à Nova Jerusalém, encontramos a ideia da presença de Deus entre Seu povo. Além disso, a noção de um julgamento antes da sentença já ocorre em Gênesis 3:8 a 19. Antes de pronunciar o veredito sobre o casal culpado, Deus faz a pergunta pungente: “Onde você está?” (Gn 3:9). Uma ideia semelhante ocorre no episódio de Babel. Deus investiga antes de pronunciar a sentença sobre os construtores da torre: “Então o Senhor desceu para ver a cidade e a torre, que os filhos dos homens estavam construindo” (Gn 11:5).

Uma ideia parecida ocorre em um salmo de Davi, que retrata Deus realizando uma investigação a partir de Seu templo celestial: “O Senhor está no Seu santo templo; nos Céus o Senhor tem o Seu trono; os Seus olhos estão atentos, as Suas pálpebras sondam os filhos dos homens” (Sl 11:4). Além disso, a noção de um templo celestial de onde o Senhor governa e julga o cosmos perpassa todo o Antigo Testamento.¹

A ideia de julgamento, mais especificamente relacionada ao povo de Deus, surge com maior clareza no livro de Daniel. As duas visões paralelas e

suas respectivas cenas de julgamento celestial em Daniel 7:9 a 14 e da purificação do santuário em Daniel 8:14 conectam esse julgamento com a obra especial do Filho do Homem e com a purificação do santuário celestial após o período profético de “duas mil e trezentas tardes e manhãs” (Dn 8:14).

No Novo Testamento, a epístola aos Hebreus e o livro do Apocalipse colocam o santuário celestial em destaque em suas mensagens. Hebreus enfatiza a noção de um santuário celestial onde Cristo ministra em nosso favor: “Ora, o essencial das coisas que estamos dizendo é que temos tal Sumo Sacerdote, que Se assentou à direita do trono da Majestade nos Céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, e não o homem” (Hb 8:1, 2). Essa ideia decorre da compreensão tipológica do tabernáculo como uma prefiguração da contraparte celestial já implícita na palavra “modelo” aplicada ao santuário terrestre (Êx 25:9, 40). No livro do Apocalipse, o santuário celestial também ocupa um lugar proeminente. Na verdade, o livro segue uma estrutura baseada no tabernáculo, e o santuário celestial aparece em pontos cruciais do livro (Ap 11:1, 2, 19; 14:15, 17; 15:5-8; 16:17).²

Como já observado, a verdade do santuário repousa sobre uma sólida base bíblica e, portanto, pertence legitimamente ao conjunto de ensinamentos teológicos delineados nas Escrituras e estabelecidos pelos pioneiros do movimento adventista do sétimo dia.

Em seguida, consideraremos a relação entre a verdade do santuário e Jesus.

Centralização em Jesus

Assim como o tabernáculo terrestre tinha sua razão de ser devido à glória da *shekinah* que nele habitava, o santuário celestial encontra seu significado último para nós porque abriga a presença e a obra do Jesus ressuscitado. Em outras palavras, o santuário celestial, com tudo o que ele representa doutrinária e existencialmente, só faz sentido porque Jesus está lá ministrando em nosso favor. Desconectado de Jesus, o santuário seria uma casca vazia e uma doutrina irrelevante.

Isso se torna evidente quando examinamos algumas passagens bíblicas que se referem ao santuário celestial. Por exemplo, a carta aos Hebreus indica que todas as atividades relacionadas ao santuário celestial e nele realizadas se centralizam em Jesus. No santuário celestial, Jesus atua como nosso Sumo Sacerdote e ministra com o sangue de Seu sacrifício, substituindo e cumprindo os serviços do santuário terrestre.

Portanto, a verdade do santuário pode ser nossa fonte de esperança, não apenas porque é uma verdade proposicional, mas porque essa verdade proposicional tem um profundo poder afetivo, uma vez que aponta e nos conduz para Jesus. Conforme declarado na carta aos Hebreus: “Temos esta esperança por âncora da alma, segura e firme e que entra no santuário que fica atrás do véu, onde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-Se tornado Sumo Sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (Hb 6:19, 20). Por causa de sua conexão com Jesus, o santuário se torna uma fonte de esperança.

O livro do Apocalipse também retrata o santuário celestial em conexão com Jesus. Em uma das cenas mais proeminentes do livro, João viu

um livro selado, que ninguém podia abrir. Mas, enquanto chorava por não haver ninguém qualificado para romper os selos, um dos anciãos dirigiu-se a ele com boas notícias: “Não chore! Eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para quebrar os sete selos e abrir o livro” (Ap 5:5). À medida que a visão se desdobra, eis que o Leão Se assemelha a “um Cordeiro que parecia que tinha sido morto” (Ap 5:6). Tal cena do santuário provavelmente retrata a inauguração do santuário celestial logo após a ascensão de Jesus.³

Nesse momento crítico do desenrolar do plano da salvação e da resolução do grande conflito, somente Jesus, entre todos os seres celestiais e por causa de Seu sacrifício na cruz, possuía a dignidade e as qualificações necessárias para intervir e conduzir o plano de redenção de Deus à sua plena realização.

É importante notar que, mais adiante, no fim do livro, o santuário reaparece na imagem da Nova Jerusalém de forma cúbica, que remete ao santo dos santos do santuário, também de forma cúbica. Mais importante ainda, a cidade que desce do Céu (Ap 21:16, 17) abriga a presença de Deus e do Cordeiro, estabelecendo assim a glória da *shekinah* entre os remidos ao longo das eras infinitas da eternidade.

Assim, a ideia e a realidade do santuário, que desempenharam um papel crucial em toda a história da redenção, reaparecem no fim do Apocalipse e da própria Bíblia, destacando a presença de Deus e do Cordeiro na cidade-templo (Ap 22:1-4). Portanto, o santuário começa com Jesus, desenrola-se com Jesus e encontrará sua consumação em Jesus.

Poder explicativo

Um aspecto crítico da doutrina do santuário encontra-se em seu poder explicativo. Mais do que uma doutrina, o santuário é uma moldura para integrar outros aspectos da verdade bíblica.⁴ Em uma declaração programática, Ellen White afirma a importância do santuário: “O assunto do santuário foi a chave que desvendou o mistério do desapontamento de 1844. Revelou um sistema completo de verdades ligadas harmoniosamente entre si, o qual mostrava que a mão de Deus havia dirigido o grande movimento adventista e indicava novos deveres ao esclarecer a posição e obra de Seu povo.”⁵

O ministério de Jesus no santuário celestial tem implicações soteriológicas, à medida que Ele intercede em favor dos crentes e tem uma dimensão cósmica no contexto mais amplo do grande conflito. Por meio das atividades de Jesus no santuário celestial, a cruz é impressa na própria estrutura do cosmos. Jesus revela a justiça, a misericórdia e o amor insuperáveis de Deus ao lidar com os pecadores. Por causa da cruz e suas reverberações no santuário celestial e na vida dos redimidos, o caráter de Deus é justificado diante de toda a ordem cósmica e criada. E, quando o grande conflito chegar à sua resolução, “o próprio Satanás [pouco antes de sua destruição], na presença do Universo como testemunha, confessará a justiça do governo de Deus e a rejeição de Sua lei.”⁶

A doutrina do santuário também ajuda a explicar a importância crucial do ensinamento bíblico sobre a natureza da humanidade. Para que o julgamento

investigativo faça sentido, é necessária a imortalidade condicional do ser humano, baseada no entendimento bíblico da morte como um estado inconsciente. Se os seres humanos tivessem almas imortais que, após a morte, fossem para o Céu ou para o inferno, a noção de tal julgamento seria sem sentido.

Ilustrando ainda mais o poder explicativo do santuário, cabe mencionar uma questão relevante levantada pelo escritor cristão Philip Yancey. Refletindo sobre a ascensão de Jesus, Yancey pergunta: “Por que Jesus nos deixou sozinhos para lutar as batalhas?” Ao ponderar sobre esse problema, o escritor relata: “Concluí que, de fato, a ascensão representa minha maior luta de fé – não se aconteceu, mas por quê. Ela me desafia mais do que o problema da dor, mais do que a dificuldade de harmonizar a ciência com a Bíblia, mais do que a crença na ressurreição e em outros milagres. Parece estranho admitir tal ideia – jamais li um livro ou artigo concebido para responder às dúvidas acerca da ascensão –, mas para mim o que aconteceu desde a partida de Jesus atinge o âmago de minha fé. Não teria sido melhor se a ascensão nunca tivesse acontecido? Se Jesus permanecesse na Terra, poderia responder às nossas perguntas, resolver nossas dúvidas, mediar nossas disputas de doutrina e política.”⁷

Como Yancey expressa de forma tão comovente, a ascensão levanta questões e pode representar um problema teológico significativo. À luz da verdade do santuário, porém, a ascensão torna-se compreensível e um passo coerente no plano de salvação de Deus, e o aparente desafio colocado pela ascensão recebe esta resposta clara de Ellen White: “Durante 18 séculos, esse ministério continuou no primeiro compartimento do santuário. O sangue de Cristo, oferecido em favor dos crentes arrependidos, assegurava-lhes perdão e aceitação perante o Pai; contudo, seus pecados ainda permaneciam nos livros de registro. Assim como no serviço tipológico havia uma expiação ao fim do ano, da mesma forma, antes que se complete a obra de Cristo para redenção do ser humano, há também uma expiação para tirar o pecado do santuário. Esse é o serviço que foi iniciado

quando terminaram os 2.300 dias. Naquela ocasião, conforme fora predito pelo profeta Daniel, nosso Sumo Sacerdote entrou no lugar santíssimo para realizar a última parte de Sua solene obra: purificar o santuário.”⁸

As limitações de espaço não permitem uma elaboração mais detalhada sobre outros pontos teológicos e doutrinários que se tornam mais claros à luz do santuário. Basta destacar que, através da lente da verdade do santuário, várias outras doutrinas e ensinamentos das Escrituras ganham muito mais significado e clareza, como a salvação, a lei de Deus e o sábado, a escatologia e o intratável problema do mal.

Doutrina distintiva

Além do que foi exposto, deve-se notar que a doutrina do santuário desempenha um papel fundamental na identidade, mensagem e missão da igreja remanescente. Quando a segunda fase da obra celestial de Jesus começou, Deus levantou um povo na Terra para proclamar essa mensagem “a cada nação, tribo, língua e povo” (Ap 14:6). Da mesma forma, quando a purificação do santuário celestial começou, Deus iniciou uma obra de purificação de Seu povo remanescente na Terra. Como afirma Ellen White: “Enquanto o julgamento investigativo prossegue no Céu, enquanto os pecados dos crentes arrependidos estão sendo removidos do santuário, deve haver uma obra especial de purificação, ou seja, de afastamento do pecado, entre o povo de Deus na Terra. Essa obra é mais claramente apresentada nas mensagens do capítulo 14 do Apocalipse.”⁹ Assim, o movimento adventista do sétimo dia surgiu como o reflexo terreno do que se desenrolava no santuário celestial e a partir dele.

Como o chamado do remanescente e a obra de Jesus no santuário celestial estão interligados, a identidade do remanescente reside em sua conexão com o santuário. As três mensagens angélicas de Apocalipse 14 resumem o âmago da mensagem confiada ao remanescente e enfocam aspectos essenciais da verdade bíblica que foram negligenciados ao longo da história cristã, mas que se tornaram crucialmente relevantes no tempo do fim.

Ellen White afirma: “A porta do santuário celestial foi aberta, e nenhum homem pode fechá-la, e a luz do santo dos santos está brilhando no mundo. O povo de Deus teve sua atenção voltada para a arca do testemunho, e a lei dentro dela foi revelada com seus preceitos inalteráveis. Em uma visão sagrada, João viu a igreja remanescente na Terra, em uma era de ilegalidade, e ele a aponta em linguagem inequívoca: ‘Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus’ (Ap 14:12).”¹⁰

Além disso, a mensagem do santuário destaca dimensões específicas da verdade bíblica e define o conteúdo da missão da igreja. Conforme apresentado em Apocalipse 14:6 a 12, a igreja remanescente é chamada a realizar uma proclamação global, convidando pessoas de todas as partes do mundo a adorar o Criador. Essa proclamação inclui o anúncio do julgamento que procede do santuário, a criação e a validade permanente dos mandamentos de Deus, especialmente o sábado, que remete ao ato criador, bem como a mensagem da queda de Babilônia e a advertência contra a adoração da besta. Todos esses elementos estão intrinsecamente ligados de maneira cronológica e conceitual à verdade do santuário. Assim, a igreja existe para viver e proclamar a bela mensagem do evangelho, com as implicações e os desdobramentos derivados do santuário.

Conclusão

Este artigo destacou quatro aspectos da verdade do santuário. Primeiro, mostrou que essa crença fundamental repousa sobre uma base bíblica sólida. Em seguida, evidenciou que a verdade do santuário é centrada em Jesus, que lhe confere validade, legitimidade e relevância. Depois, direcionou a atenção para o poder explicativo da verdade do santuário, indicando que ela não deve ser entendida apenas como mais uma doutrina, mas como uma lente que interpreta, esclarece e revela a beleza e a relevância de outras dimensões do ensino bíblico. Por fim, tornou evidente que a verdade do santuário molda a identidade adventista do sétimo dia, fornece conteúdo à nossa mensagem e impulsiona a missão confiada por Deus à Igreja Adventista do Sétimo Dia. ■

Referências

- ¹ Elias Brasil de Souza, *The Heavenly Sanctuary/Temple Motif in the Hebrew Bible: Function and Relationship to the Earthly Counterparts* (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society, 2005), traduzido para o português como *O Santuário Celestial no Antigo Testamento* (Santo André, SP: Academia Cristã, 2015).
- ² Richard M. Davidson, *A Song for the Sanctuary: Experiencing God's Presence in Shadow and Reality* (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2022), p. 639-656.
- ³ Davidson, *A Song for the Sanctuary*, p. 640-642.
- ⁴ Cf. Alberto Ronald Timm, *O Santuário e as Três Mensagens Angélicas: Fatores Integrativos no Desenvolvimento das Doutrinas Adventistas* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2018); e Timm, “The Sanctuary Motif Within the Framework of the Great Controversy”, em *The Cosmic Battle for Planet Earth: Essays in Honor of Norman R. Gulley*, ed. Ron du Preez e Jiri Moskala (Berrien Springs, MI: Andrews University, 2003), p. 69-84.
- ⁵ Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 358.
- ⁶ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 339.
- ⁷ Philip Yancey, *The Jesus I Never Knew* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995), p. 130.
- ⁸ White, *O Grande Conflito*, p. 356.
- ⁹ White, *O Grande Conflito*, p. 359.
- ¹⁰ Ellen G. White, “Serve the Lord with Gladness”, *The Signs of the Times*, 3 de fevereiro de 1888, disponível em <<https://m.egwwritings.org/en/book/820.8592#8601>>, acesso em 5/1/2026.



OS ADVENTISTAS E O SÉTIMO DIA

Nossa compreensão distintiva da doutrina do
sábado precisa ser proclamada e vivida



A humanidade perdeu seu ritmo essencial. Como observa o sociólogo Hartmut Rosa, em *Aceleração*, a percepção das estruturas temporais mudou significativamente a partir da Modernidade, instaurando um processo de “encurtamento” do tempo – não em sentido literal, mas na redução do tempo de espera. Essas novas pressões do relógio intensificaram-se ainda mais na segunda metade do século 20, com o surgimento dos meios de comunicação em tempo real, gerando uma condição de imediatismo.

O resultado foi “o ímpeto ao ‘encerramento de sequências’ e à eliminação de espaços vazios”, que, segundo o mesmo autor, conduziu “ao desaparecimento de padrões e ritmos temporais coletivos em favor da perpetuação da ‘sociedade non-stop’”¹.

Cansaço e esgotamento figuram entre os efeitos colaterais desse ritmo frenético.² Não é por acaso que, nos últimos anos, termos como *shabbat* passaram a ser utilizados também em contextos seculares para expressar a urgência de uma desconexão em relação ao ritmo alucinante que caracteriza a vida contemporânea.

Sem dúvida, o sábado é uma doutrina-chave para a evangelização, especialmente nos grandes centros urbanos, onde a cultura da aceleração se manifesta com maior intensidade. Contudo, embora essa crença possa nos aproximar de pessoas necessitadas de descanso e seja rica “em implicações para preocupações ecológicas e justiça social, conceitos de crescente importância nas áreas urbanas”,³ não podemos deixar de apresentá-la em sua totalidade.

Um jovem empresário, com quem estudei a Bíblia, administrava um salão de festas em frente ao Colégio Adventista, em cujo auditório funciona a igreja da qual sou membro. Ao chegarmos ao tema do quarto mandamento, ele contou que observava, com admiração, a chegada das famílias – felizes e bem-arrumadas – à igreja, no sábado pela manhã. Mas o que, afinal, o levou a decidir fechar o estabelecimento justamente no dia de maior movimento e a deixar de firmar contratos

para atividades entre o pôr do sol de sexta-feira e o de sábado, vindo a ser batizado algum tempo depois?

Em um contexto em que se discute cada vez mais a redução da jornada de trabalho, dispor de um tempo semanal destinado ao descanso tornou-se um direito amplamente reconhecido. O desafio, porém, está em levar as pessoas a compreender por que o sétimo dia é diferente dos demais e representa mais do que um simples feriado. Por isso, torna-se fundamental relembrarmos dois aspectos centrais da nossa identidade: os fatores que moldaram nossa teologia do sábado e a forma como temos colocado esse princípio em prática.

Ênfase distintiva

A doutrina do sábado sempre ocupou um papel central no sistema de crenças adventista e na mensagem que a denominação proclama ao mundo desde meados do século 19. É verdade que os pioneiros do movimento adventista compartilharam algumas crenças com os batistas do sétimo dia e com outras tradições religiosas. Ao mesmo tempo, diferenciaram-se significativamente deles quanto à ênfase dada ao quarto mandamento. Ao comparar a teologia do sábado de J. N. Andrews (adventista) e a de A. H. Lewis (batista do sétimo dia), Siegfried H. Roeske concluiu que eles apresentaram pontos de vista em comum, como a compreensão da perpetuidade dos Dez Mandamentos, mas divergiram quanto ao papel do quarto no contexto dos eventos finais.⁴

Em meio à efervescência profética do século 19, o adventismo interpretou a observância do sábado à luz da escatologia bíblica, isto é, não apenas olhando pelo “retrovisor” da história, mas também através do “para-brisa”. Em sua tese de doutorado, na qual investigou o papel da doutrina do santuário e das três mensagens angélicas como fator de integração no processo de desenvolvimento das crenças fundamentais adventistas, o pastor Alberto Timm escreveu: “A crença na perpetuidade da lei de Deus, com ênfase especial no mandamento que requer a observância do quarto mandamento, emergiu da interação entre a ênfase historicamente dada pelos batistas do sétimo dia ao ‘sábado perpétuo’ e a escatologia milerita do ‘advento iminente’”⁵.

Essa perspectiva, que se ampliou com o tempo, tornou-se um dos principais eixos articuladores da mensagem do sábado no contexto adventista. Ellen White sustentou que os adventistas não deveriam deixar de defender essa bandeira. Em um de seus livros, ela declarou: “Foi-me dito que os homens empregarão todos os métodos para tornar menos manifesta a diferença entre a fé dos adventistas do sétimo dia e a dos que observam o primeiro dia da semana. Todo o mundo se empenhará nesse conflito, e o tempo é breve. Não é tempo de arriar nossa bandeira. Foi-me mostrado um grupo sob o nome de adventistas do sétimo dia, que estava aconselhando que a bandeira ou sinal que nos torna um povo distinto não devia ser tão chocantemente defendida; pois pretendiam não ser o melhor método para obter êxito para nossas instituições. Essa bandeira distintiva deve ser levada pelo mundo até o fim do tempo da graça.”⁶

Para ela, portanto, o evangelho eterno e o sábado como sinal de obediência estão intimamente relacionados na proclamação das três mensagens angélicas (Ap 14).⁷ Desse modo, a pioneira colocou a mensagem do sábado no marco do grande conflito entre Cristo e Satanás e estabeleceu conexões entre o quarto mandamento e os eventos finais. Ela escreveu que “a questão do sábado será o ponto controverso no grande conflito final em que o mundo inteiro será envolvido”.⁸

A *Enciclopédia Ellen G. White* sintetiza a compreensão da profetisa afirmando que, a partir de sua perspectiva escatológica, “a observância do sábado é uma característica da igreja remanescente (Ap 12:17; 14:12), o foco principal do selo de Deus (Ap 7:1-3; 14:1-5) e a antítese da marca da besta (Ap 14:9-12)”.⁹

Em suas publicações, José Bates também expressou pontos de vista semelhantes, além de estabelecer uma relação integral entre o sábado e o santuário celestial – aspectos que os batistas do sétimo dia tiveram dificuldades em aceitar.¹⁰ A visão que Ellen White teve do santuário celestial, em 1847, ajudou a confirmar o vínculo existente entre o sábado e o ministério sacerdotal de Cristo.¹¹

Como ocorreu com outras importantes doutrinas da denominação, o desenvolvimento da teologia do sábado foi progressivo. Enquanto Bates foi pioneiro ao perceber que o sábado estava relacionado com a mensagem do terceiro anjo, Ellen White desempenhou um importante papel de confirmação e orientação em relação ao sábado e a outros assuntos. Além disso, suas visões reforçaram a nova perspectiva escatológica do sábado e intensificaram a importância de proclamá-lo como mensagem final de preparação para a segunda vinda de Cristo à Terra.¹²

Dessa maneira, a segunda vinda de Cristo e o sábado foram vinculados na teologia adventista em uma união simbiótica inseparável, por meio da qual manteriam uma dependência mútua.¹³ “Essa união do advento e do sábado no contexto do evangelho eterno (Ap 14:6) e da hora iminente do juízo divino (v. 7) é a dinâmica constitutiva da teologia adventista do sétimo dia. [...] Essa interpretação das Escrituras fez do sábado a ‘verdade presente’ entre os anos de 1846 e 1849, em um sentido de importância suprema, e lhe conferiu um valor central que ele nunca tivera para os batistas do sétimo dia. [...] Essa ênfase no significado escatológico do

sábado [...] foi o catalisador que reuniu todos os crentes adventistas dispersos da época dos pioneiros.”¹⁴

Essa conexão do quarto mandamento com os eventos finais da história foi tão forte que Tiago White entendeu que o motivo pelo qual alguns abandonavam a fé adventista estava relacionado, de certa maneira, à perda da visão distintiva dos pioneiros da IASD sobre o sábado. Para ele, esse foi o caso de Thomas M. Preble – que havia levado José Bates a aceitar a mensagem do sábado – e de J. B. Cook.

Em sua autobiografia publicada em 1868, Tiago White relata o seguinte: “Mas o pastor Preble, por não ver a reforma do sábado como parte da mensagem do terceiro anjo e por deixar de reconhecer que, na maturação da seara da terra, o sábado deveria ser uma prova, continuou suas atividades ministeriais entre aqueles que se opunham implacavelmente a essa reforma. Ele então perdeu o interesse no assunto e, desde então, tornou-se um de seus mais ferrenhos opositores. Isso também é verdade em relação ao pastor J. B. Cook e a alguns outros ministros adventistas que, mais tarde, abraçaram o sábado e depois o abandonaram.”¹⁵

Assim, integrando-o à sua escatologia, os fundadores do adventismo conferiram à teologia do sábado “uma força e relevância que nunca teve na proclamação dos batistas do sétimo dia”.¹⁶ Ellen White cria que desconectar o sábado das três mensagens angélicas de Apocalipse 14 minaria o poder evangelístico dessa mensagem, conforme se vê nesta declaração: “Separe o sábado das mensagens, e ele perderá sua força, mas quando conectado à mensagem do terceiro anjo, um poder o acompanha para convencer os incrédulos e infiéis e apresentá-los com vigor para permanecerem, viverem, crescerem e florescerem no Senhor.”¹⁷

Aspectos presentes

O fato de sermos uma minoria em relação à observância do sétimo dia, sempre nos levou a defender a permanência do sábado bíblico e suas conexões escatológicas. Embora os pioneiros do adventismo também tenham escrito sobre a forma de observar o repouso sabático,¹⁸ essa não foi a ênfase predominante. Uma das razões é que a literatura puritana já havia abordado o tema amplamente, levando as igrejas protestantes a praticar de maneira estrita a observância do “dia do Senhor”.¹⁹

“
**O ministério
pastoral
exerce
um papel
fundamental
no resgate
do espírito do
verdadeiro
sábado.**
”



O teólogo Sérgio Becerra, cuja tese de doutorado abordou as raízes puritanas da doutrina do sábado do sétimo dia, afirma que, nos Estados Unidos, “desde o início da colonização, o domingo era observado desde o pôr do sol do sábado até o entardecer do domingo. A esses limites [...], rapidamente se acrescentou a contagem que determinava a interrupção do trabalho às três horas da tarde do sábado, a fim de haver tempo suficiente para realizar uma preparação adequada para o descanso dominical.”²⁰

Nesse contexto, o adventismo do sétimo dia não tinha como preocupação predominante argumentar como guardar o sábado, mas sim em convencer a maioria observadora do domingo de qual é o verdadeiro dia requerido por Deus. Porém, em alguns momentos da história da nossa denominação, houve uma necessidade de reforçar aspectos práticos dessa crença.

A segunda metade do século 20 foi um desses momentos.²¹ Especialmente nas décadas de 1970 e 1980, foram publicados livros de autores como Niels-Erik Andreasen, John Brunt, Sakae Kubo e Samuele Bacchiocchi, que se concentram na dimensão existencial dessa crença fundamental adventista. A inserção desses “novos” princípios articuladores no discurso da denominação destacou não apenas as implicações futuras da mensagem do sábado, mas também seus aspectos presentes. O objetivo foi levar os próprios adventistas a redescobrirem o repouso sabático ou, como diz o título de uma dessas obras, “viver o futuro hoje.”²²

Outro aspecto importante é o documento histórico votado na Assembleia da Associação Geral realizada em Indianápolis (EUA), em 1990. Ao longo de mais de 160 anos de organização, as ocasiões em que a liderança da Igreja Adventista aprovou votos relacionados a diretrizes para a guarda do sábado foram pontuais, em razão do desafio que tal iniciativa representa para a igreja mundial e da preocupação em não transformar a experiência do repouso sabático em uma prática legalista.

O propósito da declaração intitulada “Observância do Sábado – Diretrizes” foi oferecer conselhos e orientações que pudessem ser utilizados principalmente pelos pastores e líderes como base para aconselhar os membros que buscassem orientação sobre a guarda do sábado. Esperava-se que isso proporcionasse um “impulso para uma verdadeira reforma na observância do sábado em nível mundial”, tendo em vista a consciência de que “a comunidade mundial de adoração” enfrentava problemas na observância do sétimo dia.²³

Em um mundo cada vez mais acelerado, que encontra dificuldade de cessar suas atividades, o imperativo “lembre-se” (Êx 20:8) deve nos levar a reavaliar nossa relação com o repouso sabático. Parafraseando Judith Shulevitz,²⁴ surge a pergunta: será que o sábado é hoje, para os adventistas, um presente a ser desembrulhado, no sentido de experimentarmos de maneira mais rica e significativa os benefícios do descanso semanal? A compreensão dos pioneiros, como Ellen White, acerca do sábado não se limitava “à reflexão cognitiva”, mas também abrangia o “aspecto experimental.”²⁵

Nestes tempos complexos, o ministério pastoral exerce um papel fundamental no resgate do espírito do verdadeiro sábado, oferecendo desde

aconselhamento quanto à escolha profissional das novas gerações até orientação àqueles que enfrentam desafios no trabalho e nos estudos, onde frequentemente são pressionados a fazer concessões.

A prática do repouso sabático é um elemento tão importante quanto o ensino doutrinário no preparo de pessoas para o batismo. Mesmo quem já compreendeu e aceitou essa crença pode apresentar dúvidas quanto à sua aplicação prática. É comum, por exemplo, surgirem questionamentos sobre como conciliar determinadas profissões que exigem plantões. Outros ainda levantam dúvidas a respeito do funcionamento de nossas próprias instituições e sobre o que pode ser considerado serviço essencial.

Evidentemente, é preciso reconhecer que existem situações emergenciais, especialmente na área da saúde, que se harmonizam com o ensino de Jesus de que “é lícito nos sábados fazer o bem” (Mt 12:12). Um médico não deixará um paciente em risco aguardando o pôr do sol se pode agir antes para salvá-lo. Da mesma forma, qualquer um de nós pode ter a necessidade de adquirir um medicamento para um filho enfermo, utilizar um meio de transporte por aplicativo ou realizar uma viagem no sábado em circunstâncias inevitáveis, sem que isso represente transgressão do quarto mandamento.

Entretanto, enfrentamos o desafio de incentivar nossos membros a evitarem atividades rotineiras que comprometam a santidade do sábado, procurando realizar tudo o que for possível antes do início das horas sagradas. A fidelidade também requer buscar alternativas como a mudança de turnos e plantões e, quando necessário, recorrer inclusive à assistência jurídica da igreja. Colocar a estabilidade no emprego em jogo para permanecer fiel à observância do sábado, conforme o mandamento bíblico, é um passo de fé que revela maturidade espiritual.

Hoje, algumas práticas têm sido gradualmente esquecidas. Em muitos lares adventistas, já não existe o hábito dos cultos de pôr do sol. Outros demonstram menor preocupação em iniciar as horas do sábado ainda envolvidos em atividades seculares. Será que o zelo por estar prontos para o sábado já não nos sensibiliza tanto quanto antes? Até que ponto o sétimo dia tem sido, de fato, o verdadeiro clímax da semana em nossa jornada semanal?

Por fim, é importante lembrar que a internet e dispositivos como os smartphones trouxeram novos desafios ao descanso sabático, ao eliminarem fronteiras que antes separavam o sagrado do profano. Talvez, para uma guarda do sábado mais significativa, seja necessário considerar também um *shabbat* digital.

Resgatar a identidade do sábado implica relembrar nossa interpretação distintiva dessa crença e reafirmar o compromisso de vivenciar o real significado desse dia santo, abstendo-nos de cuidar de nossos próprios interesses (Is 58:13) e evitando que esse dia se torne um fardo para nós, nossa família e nossas igrejas. Além de ser proclamada, essa mensagem precisa ser vivida de forma cada vez mais plena. ■

Referências

- 1 Hartmut Rosa, *Aceleração: A Transformação das Estruturas Temporais da Modernidade* (São Paulo: Editora Unesp, 2019), p. 385.
- 2 Byung-Chul Han, *Sociedade do Cansaço* (Petrópolis, RJ: Vozes, 2017).
- 3 Gary Krause, “Seeking the Shalom: Wholistic Adventist Urban Mission and Centers”, *Journal of Adventist Mission Studies* 10 (2014), p. 57.
- 4 Siegfried H. Roeske, “A Comparative Study of the Sabbath Theologies of A.H. Lewis and J.N. Andrews” (tese de doutorado, Universidade Andrews, 1997), p. 298-300, disponível em <link.cpb.com.br/a2372b>, acesso em 5/1/2026.
- 5 Alberto R. Timm, “The Sanctuary and the Three Angels’ Messages 1844-1863: Integrating Factors in the Development of Seventh-day Adventist Doctrines” (tese de doutorado, Universidade Andrews, 1995), p. 135, disponível em <link.cpb.com.br/22fe09>, acesso em 5/1/2026.
- 6 Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), v. 2, p. 325, 326.
- 7 Gerhard Pfandl, “A Escatologia de Ellen G. White”, em Alberto R. Timm, Amin A. Rodor e Vanderlei Dorneles (orgs.), *O Futuro: A Visão Adventista dos Últimos Dias* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2004), p. 326.
- 8 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 6, p. 280.
- 9 Kwabena Donkor, “Sábado, doutrina do”, em Denis Fortin e Jerry Moon (orgs.), *Enciclopédia Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 1260.
- 10 Kenneth A. Strand, “O Sábado”, em Raoul Dederen (org.), *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 587; Russel J. Thomsen, *Seventh-Day Baptists: Their Legacy to Adventists* (California: Pacific Press Association, 1971), p. 78.
- 11 Ellen G. White, *Primeiros Escritos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 49. Tiago White também apresenta um relato sobre esse episódio, que parece ter desempenhado um papel importante para que sua esposa aceitasse a mensagem do sábado. Ver Tiago White, *Minha História no Contexto do Grande Movimento Adventista, Conforme Ilustrado Pelos Três Anjos de Apocalipse 14* (Jasper, OR: Adventist Pioneer Library, 2018), p. 214, 215.
- 12 Merlin D. Burt, “The Historical Background, Interconnected Development and Integration of the Doctrines of the Sanctuary, the Sabbath, and Ellen G. White’s Role in Sabbatarian Adventism from 1844 to 1849” (tese de doutorado, Universidade Andrews, 2002), p. 318, 319, disponível em <link.cpb.com.br/84c468>, acesso em 5/1/2026.
- 13 George R. Knight, *Em Busca de Identidade: O Desenvolvimento das Doutrinas Adventistas do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), p. 71, 72.
- 14 Raymond F. Cottrell, “El Sábado en el Nuevo Mundo”, em Kenneth A. Strand (org.), *El Sábado en las Escrituras y en la Historia* (Colômbia: Gema Editores/APIA, 2014), p. 357.
- 15 Tiago White, *Minha História no Contexto do Grande Movimento Adventista*, p. 220.
- 16 Sergio Becerra, “Los Elementos Escatológicos de la Doctrina del Sábado Adventista: Un Estudio Sobre los Orígenes del Sábado Adventista”, *DavarLogos* 12 (2013), p. 223, 224.
- 17 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 1, p. 303.
- 18 J. N. Andrews, “Time for Commencing the Sabbath”, *The Advent Review and Sabbath Herald*, 4 de dezembro, 1855.
- 19 Thomas Bennett, “Boston in 1740”, em *Proceedings of the Massachusetts Historical Society* (1860–1862) (Boston, 1862), p. 115.
- 20 Sergio Becerra, “Racines Puritaines de la Doctrine du Sabbat Adventiste du Septieme Jour: Etude Historique et Theologique” (tese de doutorado, Université Strasbourg, 2001), p. 104.
- 21 Márcio Adriano Tonete Marcelino, “El ‘Presente’ del Descanso Sabático: Relaciones Entre las Lecturas Contemporáneas del Mensaje del Sábado em Adventismo y el Fenômeno de Aceleración Social” (dissertação de mestrado, Universidade Peruana UNIÃO, 2021).
- 22 Sakae Kubo, *Vivir el Futuro Hoy: la Segunda Venida y el Sábado* (Doral, FL: Inter-American Division Publishing Association, 2016).
- 23 “Sabbath Observance”, 9 de julho, 1990, disponível em <link.cpb.com.br/b1f73d>, acesso em 5/1/2026.
- 24 Judith Shulevitz, “Creating Sabbath Peace Amid the Noise”, em *The New York Times*, 16 de julho, 2010, disponível em <link.cpb.com.br/8b717b>, acesso em 5/1/2026.
- 25 Jo Ann Davidson, “Sábado, A Observância do”, em *Enciclopédia Ellen G. White*, Denis Fortin e Jerry Moon, orgs. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 1257.



f @ X /cpbeditora
CPB.COM.BR



Acesse e conheça
nossas 20 livrarias

MKT CPB | Adobe Stock | Imagem Generativa



Cod.: 22153

JUNTOS EM FAMÍLIA,

MAIS PERTO DE DEUS

LIGUE GRÁTIS
0800-9790606
de telefone fixo ou celular

PEÇA PELO
WHATSAPP
15 98100-5073

BAIXE O APP
CPB LOJA





Gerhard Pfandl
foi diretor associado
do Instituto de Pesquisa
Bíblica da Associação Geral



A IGREJA REMANESCENTE

Quais são os textos que definem os adventistas
e como vemos neles sua identidade?

Em 22 de outubro de 1844, nos Estados Unidos, milhares de cristãos aguardavam com expectativa o segundo advento de Cristo. Embora estivessem equivocados em sua compreensão do evento, desse profundo desapontamento surgiu o movimento que mais tarde daria origem à Igreja Adventista do Sétimo Dia, conhecida entre seus membros como “a igreja remanescente”. Os adventistas se reconhecem dessa forma com base em uma cuidadosa exegese de determinados textos do Apocalipse. Quais são esses textos e por que os adventistas definem sua identidade como “a igreja remanescente”?

O testemunho das Escrituras

Apocalipse 12 ensina claramente que Deus tem uma igreja remanescente no tempo do fim. Depois de descrever a história da igreja cristã (simbolizada por uma mulher) – que abrange desde o tempo de Jesus (representado pela criança mencionada no verso 5) até o fim dos 1.260 anos (538–1798) –, o Apocalipse declara: “O dragão ficou irado com a mulher e foi travar guerra com o restante da descendência dela, ou seja, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo” (Ap 12:17).

Esse versículo nos leva a um tempo posterior ao período dos 1.260 anos (Ap 12:6, 14), ou seja, ao século 19. Vendo que não conseguiu eliminar o povo fiel de Deus, Satanás volta sua ira contra um grupo específico chamado “o restante da descendência” ou “o remanescente da sua semente” – a igreja remanescente. O foco agora não está mais sobre a mulher (símbolo do povo fiel de Deus ao longo das eras), mas sobre esse grupo particular: a igreja remanescente.

Nesse capítulo, João menciona a “descendência” da mulher apenas duas vezes. A primeira diz respeito ao filho varão, o Messias (v. 5); a segunda, ao “resto da sua descendência” – a igreja remanescente (v. 17). Em ambas as referências, João identifica claramente a descendência da mulher, apoiando a compreensão de que “o resto da sua descendência” constitui a igreja remanescente visível. Dois sinais ou marcas identificadoras dessa igreja são apresentados: ela guarda os mandamentos de Deus e tem o testemunho de Jesus.

Guardando os mandamentos

Quaisquer mandamentos que queiramos incluir na primeira característica identificadora devem, necessariamente, abranger os Dez Mandamentos. Assim, o primeiro sinal distintivo da igreja remanescente é sua lealdade aos mandamentos de Deus – todos os Seus mandamentos, incluindo o quarto, referente ao sábado. Parafraseando Apocalipse 12:17: no tempo do fim, Deus terá uma igreja – a

igreja remanescente – que será reconhecida pelo fato de guardar os mandamentos, inclusive o mandamento do sábado do sétimo dia.

No tempo dos apóstolos, ou da igreja apostólica, isso não seria um sinal especial, pois todos observavam o sétimo dia; mas hoje, quando a maioria dos cristãos “guarda” o domingo, o sábado tornou-se, de fato, uma marca distintiva.

Tendo o testemunho de Jesus

O segundo sinal identificador é “o testemunho de Jesus”. O que isso significa? A expressão “testemunho de Jesus” (*marturia Iesou*) aparece seis vezes no livro do Apocalipse (1:2, 9; 12:17; 19:10 [duas vezes]; 20:4).

Primeiro, vejamos Apocalipse 1:1, 2 e 9. A introdução do Apocalipse apresenta a fonte (Deus) e o conteúdo do livro (a revelação de Jesus Cristo). No versículo 2, é dito que João atestou “a palavra de Deus” e “o testemunho de Jesus”.

Comumente entendemos “a palavra de Deus” como aquilo que Deus diz; e “o testemunho de Jesus”, em paralelo com “a palavra de Deus”, deve, portanto, significar o testemunho que o próprio Jesus dá. Como Jesus testemunhou de Si mesmo? Quando esteve na Terra, Ele testemunhou pessoalmente ao povo da Judeia. Após Sua ascensão, passou a falar por meio de Seus profetas.

Em Apocalipse 1:9, o paralelismo entre “a palavra de Deus” e “o testemunho de Jesus” é novamente evidente: “Eu, João, irmão e companheiro de vocês na tribulação, no reino e na perseverança em Jesus, estava na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (Ap 1:9).

Nos dias de João, “a palavra de Deus” se referia ao Antigo Testamento, enquanto “o testemunho de Jesus” dizia respeito ao que Jesus havia dito – às verdades que Ele revelou, conforme registradas nos evangelhos e por meio de Seus profetas, como Pedro e Paulo.

O espírito de profecia

Em Apocalipse 19:10, lemos a explicação: “Pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia.” Essa expressão ocorre apenas uma vez na Bíblia, e somente nesse texto. O paralelo bíblico mais próximo encontra-se em 1 Coríntios 12:8 a 10, em que Paulo menciona o Espírito Santo, que, entre outros dons espirituais (*charismata*), concede o dom de profecia. A pessoa que recebe esse dom é chamada profeta (1Co 12:28; Ef 4:11).

Assim como em 1 Coríntios 12:28 aqueles que têm o dom de profecia (v. 10) são chamados “profetas”, em Apocalipse 22:8, 9, os que possuem o espírito de profecia (Ap 19:10) também são chamados profetas.

Observe o paralelismo entre Apocalipse 19:10 e 22:8 e 9:

19:10	22:8, 9
Prostrei-me diante dos seus pés para adorá-lo.	Prostrei-me diante dos pés do anjo que me mostrou essas coisas, para adorá-lo.
O anjo, porém, me disse:	Mas ele me disse:
“Não faça isso!	“Não faça isso!
Sou um servo de Deus,	Sou um servo de Deus,
assim como são você e os seus irmãos	assim como são você e os seus irmãos, os profetas,
que guardam o testemunho de Jesus.	e como os que guardam as palavras deste livro.
Adore a Deus!	Adore a Deus!”
Pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia.”	

Em ambos os textos, João cai aos pés do anjo para adorá-lo. As palavras de resposta do ser celestial são quase idênticas, mas há uma diferença significativa:

- Em Apocalipse 19:10, os irmãos são identificados como os que “guardam o testemunho de Jesus”;
- Em Apocalipse 22:9, esses irmãos são simplesmente chamados “profetas”.

Portanto, aplicando o princípio protestante de interpretar a Escritura pela própria Escritura, podemos concluir que “o espírito da profecia”, em Apocalipse 19:10, não é uma posse de todos os membros da igreja em geral, mas apenas daqueles que foram chamados por Deus para serem profetas.

O estudioso luterano Hermann Strathmann, comentando sobre Apocalipse 19:10, afirma: “De acordo com o paralelo em 22:9, os irmãos mencionados não são crentes em geral, mas profetas. Aqui também eles são caracterizados como tais. Esse é o ponto do versículo 10. Se eles têm o *marturia lesou* [testemunho de Jesus], têm o espírito de profecia, ou seja, são profetas, como o anjo, que simplesmente está a serviço do *marturia lesou*.”¹

De forma semelhante, James Moffat explica: “Pois o testemunho de Jesus é o espírito de profecia.” Esse comentário marginal em prosa define claramente que os irmãos que possuem o testemunho de Jesus são detentores de inspiração profética. O testemunho de Jesus é praticamente equivalente a Jesus testemunhando.”²

O testemunho dos Targumim

Os leitores judeus na época de João sabiam o que significava a expressão “Espírito da profecia”. Eles a entendiam como uma referência ao Espírito Santo, que concede o dom profético ao ser humano.

O judaísmo rabínico equiparou as expressões do Antigo Testamento – “Espírito Santo”, “Espírito de Deus” ou “Espírito do Senhor” – com “Espírito de profecia”. Isso é evidente nas frequentes ocorrências desse termo nos Targumim (traduções aramaicas do Antigo Testamento):

“Então o faraó disse a seus servos: ‘Poderíamos achar um homem como este, em quem está o espírito de profecia vindo da parte do Senhor?’” (Gn 41:38).³

“Depois o Senhor disse a Moisés: ‘Toma Josué, filho de Num, homem em quem há o espírito de profecia, e impõe-lhe as mãos’” (Nm 27:18).⁴

Em alguns casos, o termo “Espírito de profecia” refere-se simplesmente ao Espírito Santo; em outros, ao dom de profecia concedido por Ele. Comentando essa expressão nos *Targumim*, o teólogo F. F. Bruce afirma: “A expressão ‘Espírito de profecia’ é comum no judaísmo pós-bíblico: é usada, por exemplo, como uma forma indireta nos *Targumim* para se referir ao Espírito do Senhor que vem sobre este ou aquele profeta. Assim, o *Targum de Jônatas* traduz as palavras iniciais de Isaías 61:1 como: ‘O Espírito de profecia, da parte do Senhor Deus, está sobre mim.’ O pensamento expresso em Apocalipse 19:10 não é diferente daquele de 1 Pedro 1:11, em que se diz que ‘o Espírito de Cristo’ deu testemunho antecipado por meio dos profetas do Antigo Testamento. [...] Em Apocalipse 19:10, no entanto, é por meio dos profetas cristãos que o Espírito de profecia dá testemunho. O que os profetas dos tempos anteriores predisseram é proclamado como fato consumado pelos profetas da nova dispensação, entre os quais João ocupa um lugar de destaque.”⁵

Resumo de Apocalipse 12:17

Retornando agora a Apocalipse 12:17, podemos afirmar que “o restante da descendência dela [...] guarda os mandamentos de Deus e tem o testemunho de Jesus Cristo”, o que corresponde ao espírito de profecia, ou ao dom profético.

Essa interpretação é reforçada por um estudo da palavra grega *échō*, que significa “ter” ou “possuir”. Essa palavra indica posse. Ou seja, eles possuem um dom de Deus – o dom profético.

Se “o testemunho de Jesus” fosse simplesmente o nosso testemunho sobre Jesus, João teria escrito algo como: “Eles guardam os mandamentos de Deus e testificam sobre Jesus” ou “dão testemunho de Jesus”. Mas o verbo grego *écho* nunca é usado com o sentido de “dar testemunho”.⁶

Em resumo, podemos dizer que a igreja remanescente, que segundo a profecia existe após o período dos 1.260 dias (isto é, depois de 1798), possui duas marcas identificadoras específicas:

1. Guardam os mandamentos de Deus, incluindo o mandamento do sábado, conforme Deus o instituiu.

2. Têm o testemunho de Jesus, que é o espírito de profecia, ou o dom profético presente em seu meio.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, desde sua fundação em 1863, sempre reconheceu em si mesma esses sinais identificadores. Como adventistas, proclamamos os Dez Mandamentos, incluindo o sábado, e cremos que, como igreja, possuímos o testemunho de Jesus, isto é, que Deus Se manifestou na vida e no ministério de Ellen White.

Nossos pioneiros estavam convictos de que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a igreja remanescente de Apocalipse 12:17. G. I. Butler, presidente da Associação Geral entre 1871 e 1888, escreveu em um artigo intitulado “*Visions and Dreams*”, no qual afirmou: “Existe, então, algum povo em quem essas condições se combinem nestes últimos dias? cremos que sim – nos adventistas do sétimo dia. Eles têm, em toda parte, afirmado ser a ‘igreja remanescente’ nos últimos 25 anos. [...] Eles guardam os mandamentos de Deus? Qualquer um que conheça minimamente esse povo pode responder que esta é a parte mais importante de sua fé. [...] E quanto ao espírito de profecia, é um fato notável que, desde o início de sua existência como povo, os adventistas do sétimo dia afirmam que ele tem estado em ativo exercício entre eles.”⁷

“
**Nunca
ensinamos
que apenas os
adventistas
serão salvos.**
”

Ellen White também acreditava firmemente que os adventistas do sétimo dia eram a igreja remanescente de Deus e que Apocalipse 12:17 se aplicava a eles. Ela escreveu que os adventistas “são representantes de Deus na Terra”⁸ e declarou: “Temos os mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus Cristo, que é o Espírito de profecia.”⁹ E ainda aconselhou: “Sejam todos cuidadosos para não clamarem contra o único povo que está cumprindo a descrição dada do povo remanescente, que guarda os mandamentos de Deus e tem a fé em Jesus, e que exalta a norma de justiça nestes últimos dias.”¹⁰

Ainda hoje cremos que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a igreja remanescente, tendo o Espírito de profecia como uma de suas marcas identificadoras. Um dos dons do Espírito Santo é o dom de profecia. Esse dom é uma marca distintiva da igreja remanescente e se manifestou de maneira especial no ministério de Ellen White. Como mensageira do Senhor, seus escritos continuam oferecendo à igreja conforto, direção, instrução e correção. No entanto, eles “não constituem um substituto para a Bíblia. Não podem ser colocados no mesmo nível. As Escrituras Sagradas ocupam posição única, pois são o único padrão pelo qual os seus escritos – ou quaisquer outros – devem ser julgados e ao qual devem estar subordinados.”¹¹

Como adventistas do sétimo dia, somos membros da igreja remanescente de Deus. No entanto, essa identificação não nos concede um status exclusivo diante de Deus. Nunca ensinamos que apenas os adventistas serão salvos; sempre reconhecemos a realidade da chamada “igreja invisível” – o povo fiel de Deus através dos tempos. Hoje, Deus ainda tem filhos fiéis em todas as igrejas, inclusive na Igreja Católica.¹² A salvação não é garantida pela filiação a uma igreja, mas é uma questão pessoal e individual. Entretanto, fazer parte da igreja remanescente significa ter acesso ao dom especial de Deus – o conselho inspirado de Ellen White – e participar da proclamação da mensagem especial do tempo do fim, as três mensagens angélicas, ao mundo (Ap 14:6-12) ■

Referências

- ¹ Hermann Strathmann, “Martyrs”, em *Theological Dictionary of the New Testament*, org. G. Kittel (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1964–1974), v. 4, p. 500.
- ² James Moffat, “The Revelation of St. John the Divine”, em *The Expositor's Greek Testament*, org. W. R. Nicoll (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1956), v. 5, p. 465.
- ³ Bernard Grossfeld, *The Targum Onkelos to Genesis* (Collegeville, MN: The Liturgical Press, 1988), v. 6, p. 138.
- ⁴ Bernard Grossfeld, *The Targums Onkelos to Leviticus and the Targum Onkelos to Numbers* (Collegeville, MN: The Liturgical Press, 1988), v. 8, p. 102, 145.
- ⁵ Frederick F. Bruce, *The Time Is Fulfilled* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1978), p. 105, 106.
- ⁶ Gehard Pfandl, “The Remnant Church and the Spirit of Prophecy” em *Symposium on Revelation B Book II*, org. Frank B. Holbrook, DARCOM Series.
- ⁷ G. I. Butler, “Visions and Prophecy”, *Review and Herald*, 9 de junho, 1874, p. 193.
- ⁸ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 2, p. 371.
- ⁹ Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2025), p. 91.
- ¹⁰ White, *Testemunhos Para Ministros*, p. 51.
- ¹¹ Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, *Nisto cremos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 291.
- ¹² Ellen G. White, *Eventos Finais* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 130.



UM PALHAÇO NO PALÁCIO

O perigo da fragilização da identidade adventista

Uma frase popular diz: “Quando um palhaço se muda para um palácio, ele não se torna rei; é o palácio que se transforma em circo.” Em muitos aspectos, o cristianismo de nossos dias perdeu seu sentido bíblico e se tornou uma espécie de espetáculo circense. Nesse “cristianismo circo”,

- não há altar, há palco;
- não há adoradores, há público;
- não há compromisso, há superficialidade;
- prega-se um Jesus que nada exige e um evangelho que não transforma;
- busca-se popularidade, não relevância;
- prega-se o “Eu não a condeno”, mas não o “vá e não peque mais”;
- prometem-se milagres imediatos e satisfação garantida;
- não se explicam os princípios bíblicos; há apenas entretenimento;
- há amor pelas promessas, mas rejeição pelos processos;
- a Palavra é moldada à cultura;
- busca-se a salvação, mas sem rendição;
- preocupa-se mais em atrair multidões do que em formar discípulos;
- a igreja é um show com luzes, fumaça e uma breve menção bíblica entre as músicas;
- o *brunch* é indispensável, mas o estudo da Bíblia é opcional;
- não há púlpito para abrir a Palavra, mas há espaço para os instrumentos da banda;
- não existe exposição clara da Bíblia, apenas uma busca por “experiências espirituais”;
- propõe-se que cada pessoa alcance sua “melhor versão”, quando Deus nos chama a “nascer de novo”;
- há temas sobre os quais não se prega, por medo de desagradar;
- reduz-se Cristo a um *coach* motivacional;
- e se esquece de que o evangelho não foi dado para ser adaptado, mas para ser obedecido.

Enquanto os espectadores são entretidos por uma religião açucarada, a verdade bíblica é diluída, o senso de chamado é ofuscado e a missão é terceirizada. Assim, a igreja deixa de ser um corpo vivo e passa a ser apenas uma plateia passiva.



O rei e o sumo sacerdote

Em 2 Crônicas 26, encontramos uma narrativa que se assemelha a uma montanha-russa espiritual, marcada por momentos de sucesso, motivação e, por fim, profunda decepção. O capítulo apresenta a história do rei Uzias, um homem cujo currículo se aproxima ao de gigantes da fé como Davi, Salomão e Josias. Suas atitudes, especialmente em seus primeiros anos de reinado, são tão instrutivas que poderiam compor um verdadeiro manual de liderança:

1. Foi um rei consagrado a Deus (v. 4).
2. Buscou diariamente os conselhos divinos e prosperou (v. 5).
3. Não hesitou diante das batalhas (v. 6, 7).
4. Cuidou do povo e investiu em segurança interna, construindo muros e defesas (v. 9, 10).
5. Valorizou o trabalho e os frutos da terra – foi “amigo da agricultura” (v. 10).

6. Treinou e equipou um exército poderoso de mais de 300 mil homens (v. 13, 14).

7. Teve visão de futuro, promoveu criatividade e ganhou grande reconhecimento (v. 8, 15).

Se a história terminasse aqui, certamente hoje teríamos muitos “Uzias” em nossas igrejas. Mas esse brilhante líder se exaltou, rebelou-se contra Deus e entrou no templo para queimar incenso (v. 16). Quem ousaria deter o “quase perfeito” rei naquele ato herético?

Foi então que surgiu o corajoso Azarias, sumo sacerdote e amigo de Deus, que não hesitou em confrontar o poderoso Uzias – o homem que havia feito (quase) tudo certo.

Acompanhado por outros 80 sacerdotes, Azarias declarou firmemente que o rei não tinha autoridade para oferecer incenso (v. 17, 18). Imediatamente, Uzias foi ferido com lepra e permaneceu assim até sua morte. Ficou isolado em uma casa separada, enquanto seu filho Jotão passou a governar em seu lugar (v. 19-23).

Uzias, cujo nome significa “O Senhor é minha força”, acabou derrotado pela presunção. Tomado pela vaidade, passou a considerar a si mesmo como a fonte da força, esquecendo de quem vinha o poder que o havia tornado tão bem-sucedido. Assim, tornou-se um autêntico palhaço no palácio.

Lição

Precisamos revitalizar nossa identidade bíblica e profética como adventistas. Não precisamos de uma igreja que entretenha, mas de uma igreja que proclame a verdade presente com fidelidade e coragem.

Não é tempo de silêncio diante de uma sociedade eticamente e moralmente raquítica. É tempo de levantar a voz com precisão, amor, firmeza e fidelidade à Bíblia. Deus não espera menos de nós. O desafio dado por Paulo a Timóteo é também o nosso (leia o texto a seguir com as intervenções explicativas do autor):

“Diante de Deus e de Cristo Jesus [nosso Salvador e Senhor], que há de julgar vivos e mortos [o juízo faz parte do plano da salvação], pela Sua manifestação e pelo Seu reino [ênfase na segunda vinda], peço a você com insistência [temos uma missão], que pregue a palavra [com fundamento bíblico], insista, quer oportuno, quer não [nosso ministério não tem horários], corrija, repreenda, exorte [não fomos chamados para agradar, mas para fazer o correto] com toda a paciência [amor] e doutrina [firmeza]. Pois virá tempo [já chegou] em que não suportarão a sã doutrina [tente pregar sobre temas delicados hoje]; pelo contrário, se rodearão de mestres segundo as suas próprias cobiças [sempre há quem procure ideias não bíblicas], como que sentindo coceira nos ouvidos. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade [infelizmente acontece], entregando-se às fábulas [muitos cristãos creem em qualquer coisa]. Mas você seja sóbrio em todas as coisas, suporte as aflições, faça o trabalho de um evangelista, cumpra plenamente o seu ministério” (2Tm 4:1-5).

A igreja e o mundo precisam que reafirmemos nossa identidade fundamentada na Bíblia, ainda que haja “coceira nos ouvidos”. A verdade que incomoda também cura. A verdade que confronta também ilumina.

Somos chamados a pregar, escrever e viver aquilo que cremos: o sábado como dia santo; a criação em sete dias literais; o casamento heterossexual e monogâmico; a mortalidade da alma; a Igreja Adventista do Sétimo Dia como povo remanescente; o ministério profético de Ellen White; o ministério sacerdotal de Cristo após 1844; e o estilo de vida cristão livre de tabaco, álcool, drogas, estimulantes, joias, tatuagens e vestimentas impróprias.

Para Azarias, teria sido mais fácil aceitar a neutralidade teológica, “deixar para lá”, ceder, não ser tão firme. “É só o rei queimando um pouco de perfume”, diria um líder fraco, acomodado e liberal.

Mas Azarias se apegou ao “Assim diz o Senhor”, e não às ideias sedutoras do pensamento humano. Assumiu o risco da fidelidade, chamou o pecado pelo nome e não se ajustou às novas tendências, mas à vontade de Deus.

Conclusão

Enquanto os palhaços continuam fazendo malabarismos doutrinários – impondo ideias populares, porém antibíblicas –, nós devemos permanecer firmes na verdade de Cristo. O grande pregador Charles Spurgeon afirmou: “Chegará o tempo em que, em vez de pastores alimentando as ovelhas, haverá palhaços entretendo bodes.” Ao que tudo indica, esse tempo já chegou.

Deus não nos chamou para pastorear uma igreja “descolada”, mas uma igreja fiel. Hoje, Ele nos convida a ser como Azarias: comprometidos e sustentando bem alto o estandarte da identidade adventista. Aceita o chamado? ■



A VERDADE QUE LIBERTA

A revelação de Deus como fundamento da verdadeira liberdade

A área do Templo de Jerusalém foi, em muitas ocasiões, o cenário no qual Jesus demonstrou o caráter divino de Seu ministério. Em João 8, lemos que Ele reafirma Sua autoridade ao defender a mulher apanhada em flagrante pecado. Após esse episódio, muitos judeus passaram a questionar o Mestre, contestando a autoridade de Sua mensagem; ainda assim, apesar dessa incredulidade, “muitos creram Nele” (v. 30). Na sequência, Jesus dirige-Se aos que creram e faz uma promessa plena de esperança: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (v. 32, ARA).

Os termos utilizados pelo Mestre, embora necessários para qualificar a realidade humana, introduzem conceitos que beiram as fronteiras do indefinível. O que é a verdade? O que é a liberdade? Para muitos pensadores, esses termos pertencem à categoria da *metalinguagem*, dada a dificuldade de defini-los com precisão. “O que é a verdade?” (Jo 18:38), questionou Pilatos a Jesus nos momentos

que antecederam Seu sacrifício final. O texto bíblico transmite a ideia de uma saída abrupta de Pilatos, sem que ele aguardasse a resposta esclarecedora do Mestre.

O presente estudo pretende contribuir para a compreensão da sentença pronunciada por Jesus (Jo 8:32), buscando apresentar o sentido semântico, literário e bíblico dos termos ali empregados.

O que é a verdade?

A maioria das obras enciclopédicas, embora cada texto use fraseologia própria, conceitua de forma sintética a verdade como a concordância com o que é real. Segundo T. R. Giles, essa definição tem origem em Aristóteles, ao formular a Teoria da Correspondência, segundo a qual “toda proposição é verdadeira se o que expressa como sendo o caso for realmente o caso.”¹ Platão, por sua vez, qualifica o conhecimento verdadeiro como sabedoria. Para esse pensador, o ser humano tem duas formas de acesso à sabedoria: a primeira, denominada *doxa*, corresponde ao saber que não

precisa ser buscado, como o calor, a vegetação ou os sons da natureza; a segunda, chamada *episteme*, representa o conhecimento verdadeiro, adquirido por meio da busca racional por meio do método.²

Ao longo dos séculos, diversos pensadores formularam diferentes enunciados com o objetivo de expressar o significado do termo “verdade”. Chegou-se, inclusive, à sistematização de tipos de verdade, como a histórica, a científica, a intuitiva, a da coerência, bem como a objetiva e a abstrata. Contudo, o que se destaca em todos esses enunciados é o conhecimento como fator necessário para o acesso à verdade. Pedro Abelardo, no prefácio do seu livro *Sic et Non*, sugere a prática da dúvida para o desenvolvimento do conhecimento: “Pela dúvida nós chegamos à pesquisa, e por esta, alcançamos a verdade.”³

Se o conhecimento conduz à verdade, então a verdade, no âmbito humano, será sempre relativa. O conhecimento humano é, de fato, parcial, pois se amplia continuamente por meio da ciência, da tecnologia e do saber em geral. Conclui-se, assim, que, para o ser humano, é impossível obter a verdade absoluta, como já admitia Kant. Esse mesmo pensador reconhecia como fonte última de toda verdade a atividade de uma entidade superior.⁴ René Descartes, de modo ainda mais enfático, afirmava que a verdade só se encontra em Deus, em quem estão contidos todos os tesouros da ciência e da sabedoria.⁵ Esse pensamento exalta o atributo da onisciência divina, que implica a ideia de que a verdade corresponde ao perfeito conhecimento de Deus sobre todas as coisas (Jó 28:20-26).

Outros autores, anteriores aos já mencionados, emitiram afirmações semelhantes. Agostinho admitia que a verdade das coisas existia apenas na mente de Deus. Anselmo de Cantuária confirmava que Deus é a causa eterna de toda verdade. Dessa maneira, compreende-se que a verdade depende da revelação, pois toda verdade é verdade divina. Outros pensadores, como Leibniz, Malebranche e Berkeley, concluíram que toda verdade, afinal, é verdade de Deus.

No Antigo Testamento, a palavra “verdade” é uma tradução do termo hebraico *emeth*, que ocorre cerca de uma centena de vezes. Os tradutores desse vocábulo relacionam seu significado a virtudes pessoais, como fidelidade, integridade, firmeza de promessa, segurança, veracidade no falar e retidão de conduta. Na versão da Septuaginta (LXX), em muitos textos nos quais aparece o termo hebraico *emeth* (“verdade”), a tradução emprega o vocábulo grego *pistis* (“fé”). Apesar dessa diversidade semântica, o uso do termo “verdade” expressa sempre uma atitude de dependência de Deus, pois, segundo linguistas especializados, não há verdade – no sentido bíblico – fora de Deus.⁶ Uma expressão clara dessa compreensão encontra-se no cântico de Moisés, ao afirmar que Deus é *emeth* (“verdade”) (Dt 32:4); ideia semelhante aparece no Salmo 31:5.

No Novo Testamento, a palavra “verdade” é uma tradução do vocábulo grego *aletheia*, que ocorre mais de 110 vezes. Esse termo também é traduzido como fidelidade, justiça e paz duradoura; no entanto, especialistas afirmam que, etimologicamente, *aletheia* sugere algo que é revelado, aberto ou descoberto.⁷ Os escritores neotestamentários utilizam o termo “verdade” no sentido de uma revelação divina, que chega ao conhecimento humano por meio das declarações de Jesus (Jo 8:45) e da ação do Espírito Santo (16:13). Ainda mais enfática é a afirmação de que o próprio Cristo é a verdade (14:6), sendo verdadeiro porque não busca a própria glória, mas a Daquele que O enviou (7:18). Mesmo limitado em Sua natureza por ocasião da encarnação, Jesus era cheio de graça e verdade (1:14) e, diante de Pilatos, declarou que a razão de Sua existência era dar testemunho da verdade (18:37). Com base nessas afirmações, Paulo reafirma que a verdade se encontra em Cristo (Rm 9:1) e sugere, ainda, que ela se torna sinônimo do próprio evangelho (2Ts 2:13; Gl 5:7).

O que é a liberdade?

A forma mais sintética que a maioria das enciclopédias conceitua liberdade é a condição de ser livre, com o direito de expressar-se e agir segundo a própria vontade. Na época de Péricles (século V a.C.), o equivalente a liberdade era *parresia*, entendida como o “direito de falar livremente”.⁸ Aristóteles relacionava a liberdade ao uso da vontade: o homem que realiza ações voluntárias é livre; aquele que realiza ações involuntárias é escravo.⁹ Ao longo dos séculos, o conceito predominante de liberdade foi o de “fazer o que se deseja”. Hegel, por sua vez, desenvolve o sentido de liberdade ao afirmar que ela consiste naquilo que uma pessoa tem poder de fazer, ou na capacidade de edificar o próprio destino.¹⁰

Apesar das contribuições filosóficas, o conceito de liberdade manifesta-se de formas variadas, quase proporcionalmente ao número de expressões culturais e modos de pensamento, destacando-se, sobretudo, as ideias políticas. Analistas dos variados conceitos de liberdade concordam que ela não pode ser compreendida apenas como um direito pessoal ou individual, uma vez que o ser humano é, por natureza, um ser social. Por essa razão, sustentam a proeminência de um fator comum a todas essas expressões: a imposição da lei. A lei (*nomos*) é

requerida como princípio de ordem, de modo que toda forma de liberdade deve estar sujeita à prescrição da lei, seja ela natural ou moral.

Ao admitir que a liberdade está sujeita à imposição da lei, considera-se que essa condição humana estabelece a relação universal segundo a qual toda causa produz um determinado efeito. Kant afirmava que, na natureza, observa-se um completo “determinismo” e que a liberdade não é uma questão física, mas moral, situando-se no reino do *noumeno*, isto é, na “mente humana”.¹¹ Ampliando o sentido desse conceito, admite-se que a liberdade é vivenciada na esfera da consciência humana.

No Antigo Testamento, a palavra “liberdade” aparece sob duas formas principais, em pouco mais de uma dezena de textos. O vocábulo hebraico *derôr* (“liberdade”) refere-se à prescrição que determinava a libertação dos escravos a cada 50 anos (Lv 25:10). Esse termo também aparece na narrativa histórica da libertação dos escravos durante o reinado de Zedequias (Jr 34:8). O outro vocábulo é *hopshit*, usado de forma adjetivada para se referir à libertação dos escravos no sétimo ano (Êx 21:2, 5). Esse termo também expressa a condição de uma pessoa afastada da comunidade por motivos de saúde (2Rs 15:5). Na versão da LXX, o vocábulo grego empregado é *eleutheria*, que designa a condição do homem livre em contraste com o escravo ou o estrangeiro. No entanto, quando aplicado ao povo de Israel, o termo exalta a libertação do povo da escravidão egípcia (Êx 20:2; Dt 7:8) e, em sentido profético, relaciona a liberdade com a obra do Redentor, o Messias, que viria para proclamar libertação aos cativos (Is 61:1).

No Novo Testamento, o termo grego *eleutheria* (“liberdade”) assume um significado mais restrito, dissociado das expressões de cunho político e do direito de seguir o desígnio da vontade humana. No uso que o apóstolo Paulo faz do termo, manifesta-se o sentido determinista de alcançar a liberdade gloriosa dos filhos de Israel (Rm 8:21; Gl 5:1), com a consequente liberdade do pecado (Rm 6:18, 22).

A verdade vos libertará

A promessa proferida pelo Mestre da Galileia – “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8:32, ARA) – de modo algum se refere ao conhecimento da verdade alcançado pelo ser humano nas áreas científica, cultural ou em qualquer outra ordem. Tal verdade será sempre relativa e sujeita a modificação. Cristo, ao contrário, referia-se ao conhecimento da verdade absoluta ou divina. A verdade é um atributo de Deus; e, em sentido ainda mais enfático, Ele

declara que Deus é verdadeiro (Jo 7:28), reafirmando, assim, que Deus é a própria verdade. O ser humano adquire essa verdade por meio da revelação: pela Palavra escrita (Jo 17:17; Dn 10:21), pela atuação do Espírito Santo (Jo 16:13) e, de forma suprema, pela pessoa de Cristo (Jo 14:6).

Ao adquirir o conhecimento da verdade mediante essas três fontes da revelação, o ser humano experimenta uma profunda transformação, pois esse conhecimento da verdade não é meramente teórico, mas existencial; trata-se do novo nascimento (Jo 3:3-5). O conhecimento da verdade é uma realidade prática (Jo 3:21), que envolve a conversão e transforma o indivíduo em um verdadeiro adorador (Jo 4:23). Ellen White incentiva a vivência dessa prática ao afirmar: “A única maneira pela qual podemos obter maior compreensão da verdade é conservar o coração brando e submisso ao Espírito de Cristo.”¹²

O complemento da sentença proferida pelo Mestre acerca do conhecimento da verdade é a promessa de alcançar a liberdade. Não se trata de uma liberdade de cunho político ou social, proclamada pelo espírito cívico humano, mas de uma liberdade cujo fim último conduz à vida eterna (Rm 6:22). Ellen White reafirma essa compreensão ao declarar que “a verdade se revela como o poder divino para a salvação”.¹³

Concluindo, é necessário destacar que a liberdade prometida por Cristo foi o propósito do Seu ministério (Lc 4:18) e foi efetivamente realizada no evento da cruz (Gl 3:13). Ao adquirir o conhecimento da verdade, isto é, ao aceitar a revelação divina, o ser humano recebe libertação do pecado (Rm 6:18, 22), do cativeiro de Satanás (Lc 13:16), da condenação da lei (Rm 7:6; 8:3) e da morte (Rm 8:2, 21). ■

Referências

- 1 Thomas R. Giles, *Introdução à Filosofia* (São Paulo: EDUSP, 1979), p. 126.
- 2 Manuel G. Morente, *Lecciones Preliminares de Filosofia* (Cidade do México: Editorial Diana, 1964), p. 6.
- 3 Tony Lane, *Pensamento Cristão – Dos Primórdios à Idade Média* (São Paulo: Abba Press, 1999), v. 1, p. 135.
- 4 Immanuel Kant, *Great Books of the Western World, The Critique of the Pure Reason* (Chicago: Encyclopedia Britannica Inc., 1952), v. 42, p. 94.
- 5 Rene Descartes, *Great Books of the Western World, Meditation IV* (Chicago: Encyclopedia Britannica Inc., 1952), v. 31, p. 89.
- 6 R. Laird Harris, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1998), p. 87.
- 7 Jean J. von Allmen, *Vocabulário Bíblico* (São Paulo: ASTE, 2001), p. 597.
- 8 Johannes B. Bauer, *Dicionário de Teologia Bíblica* (São Paulo: Edições Loyola, 1981), v. 2, p. 634.
- 9 José F. Mora, *Diccionario de Filosofia Abreviado* (Buenos Aires: Editora Sudamericana, 1974), p. 255.
- 10 George W. F. Hegel, “The Philosophy of Right” em *Great Books of the Western World*, v. 46, p. 26.
- 11 Immanuel Kant, “The Science of Right” em *Great Books of the Western World*, v. 42, p. 420.
- 12 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 396.
- 13 White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 363.



Dê play nesse novo capítulo.

cpbplay.com.br

Uma plataforma de **streaming** para toda a família

Conteúdos que vão desde histórias das novas lições da Escola Sabatina até profundos debates teológicos.





Safary Wa-Mbaleka
gerente de pesquisa e
avaliação do Escritório
de Arquivos, Estatísticas e
Pesquisa da Associação Geral



David Trim
diretor do Escritório de
Arquivos, Estatísticas
e Pesquisa da
Associação Geral



PERFIL EDUCACIONAL DOS **PASTORES**



Nível de escolaridade dos pastores adventistas

- Ensino fundamental: 0,7%
- Ensino médio: 4,9%
- Curso técnico/licença profissional: 2,1%
- Graduação tecnológica: 5,1%
- Graduação (bacharelado): 48,2%
- Mestrado: 35,1%
- Doutorado ministerial (DMin/DMiss): 2,6%
- Doutorado acadêmico (PhD/ThD): 1,3%



Os pastores desempenham um papel importante na educação adventista. A pesquisa global de 2023, traduzida para cerca de 30 idiomas, ajudou a igreja a avaliar como os pastores compreendem o papel e a eficácia da educação adventista. Esse estudo também analisou o nível de formação acadêmica dos pastores adventistas em todo o mundo.

Quase metade deles (48,2%) possui graduação, enquanto mais de um terço (35,1%) possui mestrado. Esse dado é bastante encorajador, pois a maioria dos pastores apresenta um bom nível de escolaridade. Como era esperado, uma porcentagem menor (3,9%) possui títulos de doutorado.

A pesquisa também revelou que um número significativo de pastores não frequentou escolas adventistas no ensino fundamental (66,9%) nem no ensino médio (66,5%). Esse dado é preocupante, pois é nesse período que se estabelece a base da formação educacional. É possível que muitos desses pastores não tenham estudado em escolas adventistas por falta de acesso, limitações financeiras ou por terem se convertido já na vida adulta. Ainda assim, os resultados evidenciam a necessidade de apoiar a educação adventista, tornando-a mais acessível e financeiramente viável.

No ensino superior, 39% dos pastores estudaram de três a quatro anos em instituições adventistas, enquanto 30,9% passaram de cinco a sete anos nessas instituições. Além disso, 14,5% permaneceram oito anos ou mais em instituições adventistas. Ao combinar esses três grupos, conclui-se que a grande maioria dos pastores (84,4%) concluiu sua formação superior dentro do sistema educacional adventista. Essa é uma excelente notícia para o ministério, embora elevar esse percentual para próximo de 100% deva ser o objetivo.

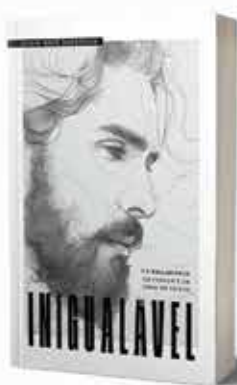
Os pastores também foram questionados sobre o impacto que acreditam que os professores das escolas adventistas exercem sobre a missão da igreja. As respostas influenciam diretamente o nível de apoio que os pastores oferecem às instituições educacionais da denominação.

O estudo revelou que 60,1% dos pastores consideram significativa a contribuição dos professores da educação adventista para a missão da igreja; 28,9% a consideram razoavelmente importante; e 8,8% a avaliam como pequena. Em contraste, apenas 2,2% acreditam que os professores das escolas adventistas não contribuem para a missão da igreja. De modo geral, a maioria dos pastores adventistas (89%) reconhece a contribuição dos professores da educação adventista para a missão da igreja, ou seja, nove em cada dez confiam e valorizam essa atuação.

Recomendações práticas

Com base nos resultados dessa pesquisa, apresentamos as seguintes recomendações práticas, com o objetivo de fortalecer continuamente a parceria entre educadores adventistas, líderes da educação e pastores:

- 1** Deve ser estabelecido um requisito mínimo de formação acadêmica para o ministério pastoral.
- 2** Considerando que o percentual de pastores com graduação é próximo ao daqueles com mestrado, um número cada vez maior de pastores deve ser incentivado a cursar pós-graduação, a fim de aprofundar seus conhecimentos e competências.
- 3** A formação superior de pastores deve priorizar o preparo teológico acima de qualquer outra área acadêmica, garantindo que estejam adequadamente preparados para nutrir espiritualmente os membros da igreja.
- 4** A igreja deve continuar desenvolvendo planos para aumentar o número de estudantes de Teologia patrocinados.
- 5** A igreja precisa encontrar meios de empregar todos os formandos qualificados em Teologia, assegurando que o trabalho pastoral seja administrável, eficiente e eficaz. É lamentável que, em alguns países, haja graduados em Teologia desempregados, enquanto pastores em atividade estejam sobrecarregados.
- 6** Faculdades e universidades adventistas que não oferecem formação teológica devem buscar tornar esse tipo de formação mais acessível na maioria das regiões do mundo.
- 7** Os pastores devem continuar apoiando a educação adventista por meio de promoção verbal e da integração das escolas adventistas no planejamento estratégico da igreja local.
- 8** A promoção da educação adventista deve ser um objetivo de todas as instituições adventistas; por isso, elas devem empregar apenas professores adventistas, firmes em suas convicções e membros ativos da igreja. ■

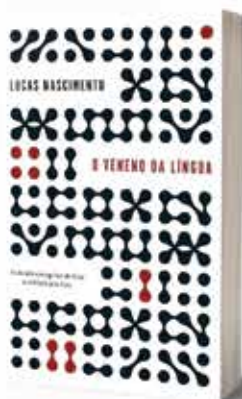


Inigualável

Atilio René Dupertuis
CPB, 2025, 288 p.

A obra analisa o que a Bíblia fala sobre a natureza divino-humana de Jesus e como a igreja compreendeu esse fato ao longo de seu desenvolvimento.

O autor também discorre sobre a ampliação da compreensão adventista acerca do tema desde os seus primórdios. Um ponto destacado é como o entendimento da natureza humana de Cristo influencia a vida cristã. Com uma interpretação equilibrada, o livro define perfeição como um caminho de amadurecimento do relacionamento com Cristo, longe de ser uma pretensão de impecabilidade. Usado como livro-texto em aulas de Cristologia nos seminários, a obra é didática e bem fundamentada.

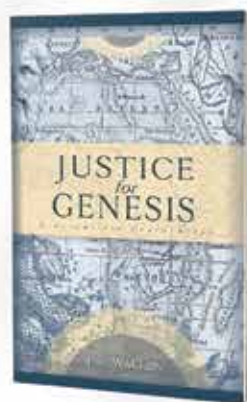


O Veneno da Língua

Lucas Nascimento
Mundo Cristão, 2025, 160 p.

Nossas palavras constroem – ou destroem. Por isso, este livro nos leva a refletir com profundidade sobre o poder que há no que dizemos: sobre nós, sobre os outros e

até sobre Deus. Com base sólida nas Escrituras e em uma linguagem acessível e envolvente, o autor expõe como a língua, quando mal usada, pode ser uma arma afiada, mas também nos lembra de que ela foi criada para gerar vida, bênção e reconciliação. Esta obra é um chamado urgente para quem deseja alinhar fala e fé, e transformar sua maneira de se comunicar com sabedoria, graça e verdade.

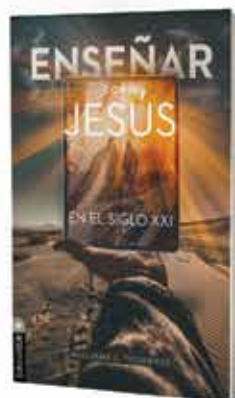


Justice for Genesis

J. C. Walton
Andrews University Press, 2025, 317 p.

Escrita por um cientista respeitado, a obra busca responder questionamentos acerca do relato das ori-

gens apresentado em Gênesis. O tratamento do tema demonstra de forma admirável como múltiplas abordagens se confirmam mutuamente e fundamentam nossa fé no relato bíblico da criação. Ao fazê-lo, essa “justiça para Gênesis” acaba sendo, em última análise, justiça para Deus.



Enseñar Como Jesús en el Siglo XXI

Williams S. Trigueros
Clie, 2025, 320 p.

A partir dos fundamentos do ensino no Antigo e no Novo Testamento, o livro constrói uma ponte entre o exemplo de Jesus e os desa-

fios contemporâneos do ensino on-line. Além disso, apresenta propostas práticas para cultivar comunidades de fé autênticas, formar líderes com propósito e utilizar as ferramentas digitais sem perder a essência transformadora da educação teológica. Com uma abordagem bíblica e propositiva, a obra convida pastores, educadores e formadores de líderes a repensar como ensinar hoje com a mesma paixão, verdade e profundidade que caracterizaram o ministério de Jesus e dos apóstolos. Mais do que um manual técnico, o livro é um chamado a recuperar o coração do ensino cristão em todos os formatos e para todas as gerações.



Pablo Ale
editor da *Ministério*,
edição da Aces

○ FAROL DO FIM DO MUNDO



Testemunha silenciosa de tempestades intensas, o Farol Les Éclaireurs (conhecido popularmente como “O Farol do Fim do Mundo”) ergue-se imponente, com suas faixas vermelhas e brancas e sua luz cintilante. Com 11 metros de altura e 3 metros de diâmetro, está fincado entre rochas na paisagem idílica do extremo sul da Argentina. O farol começou a operar em janeiro de 1923 e, desde então, tem evitado o naufrágio de inúmeras embarcações.

O “Farol do Fim do Mundo” não sai correndo pelo oceano para convencer os navios a não se chocarem contra as rochas. Ele permanece em seu lugar: firme, inamovível e com a luz acesa. Não negocia sua posição com as ondas. Não deixa de emitir luz para não “ofender”. Simplesmente está ali, brilhando de forma constante e indicando o caminho seguro.

Como pastores adventistas, somos chamados a ser faróis nestes dias finais, em que a escuridão se intensifica. Deus nos confiou a responsabilidade de sermos luzes (Mt 5:14-16), de viver em obediência e de pregar a mensagem de Jesus, a verdadeira Luz do mundo (Jo 8:12). Fortalecer nossa identidade cristã em uma sociedade cada vez mais relativista e carente de valores morais absolutos é um grande desafio. Como podemos fazer isso? Vejamos.

1. *Recordando nosso chamado.* Levítico 20:26 declara: “Sejam santos para Mim, porque Eu, o SENHOR, sou santo e os separei dos outros povos, para que sejam Meus.” A santidade é a identidade que Deus deseja imprimir em nós. Ela não nasce do esforço humano, mas é um dom de Deus. Ser diferente é um privilégio e uma consequência natural de pertencermos a Ele. Não se trata de nos separarmos “do mundo” por orgulho ou senso de superioridade, mas por lealdade ao Seu caráter santo.

Enquanto o mundo convida à mistura, à diluição e à negociação de valores, Deus

pede exatamente o oposto. Essa diferença se manifesta na maneira como amamos (inclusive os inimigos), como perdoamos (sem guardar rancor), como usamos nosso corpo (templo do Espírito Santo), como falamos (verdade com graça) e como enfrentamos o sofrimento (com esperança eterna).

2. *Fortalecendo nossa vida de oração.* Marcos 1:35 diz: “Tendo-Se levantado de madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus saiu e foi para um lugar deserto, e ali orava.” A santidade não começa pelo exterior. Sua “semente” está na oração secreta, expressa em lágrimas e súplicas. Não podemos formar – e muito menos manter – nossa identidade sem uma vida dedicada à oração.

3. *Aprofundando nosso estudo da Bíblia.* De acordo com 2 Timóteo 3:15 a 17, a Palavra de Deus é útil, nos prepara para toda boa obra e nos torna sábios para a salvação. Não há como preservar a identidade neste tempo sem o estudo profundo das Escrituras. Infelizmente, muitos hoje fundamentam sua vida espiritual em vídeos do YouTube e postagens motivacionais das redes sociais. Não afirmo que consumir esse conteúdo seja, em si, algo ruim; sustento, porém, que isso não pode nem deve ser a base da nossa comunhão com Deus.

4. *Testemunhando a verdade com ousadia.* Josué 1:6 a 9 orienta todo líder a ser forte e corajoso para fazer o que é certo. Com amor, humildade e sólido fundamento bíblico, devemos ousar tratar temas rotulados como “polêmicos”, não por o serem em si, mas por confrontarem o que a Bíblia e o Espírito de Profecia ensinam. O silêncio diante do erro e a omissão da verdade acabam normalizando o pecado. Corrigir não é punir; é preservar a santificação.

Seja um farol do fim do mundo! Mantenha sua luz acesa! (cf. Fp 2:15). ■

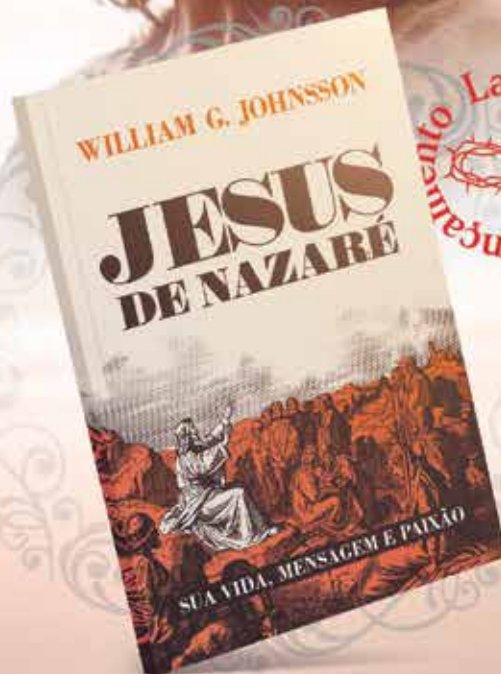
“
**A santidade
é a identidade
que Deus
deseja imprimir
em nós.**
”



semana *santa* 2026

O D R A M A D A

paixão



A paixão de Cristo é uma história de entrega, amor e redenção. Nesta Semana Santa, descubra livros que conduzem à reflexão, fortalecem a fé e apontam para a esperança que nasce da cruz.

Até
20% Off
Em livros selecionados

Ofertas especiais para um tempo de reflexão e esperança

DISPONÍVEL
EM NOSSOS
CANAIS DE
VENDAS >



e-commerce
CPB.COM.BR



Call Center
0800-9790606
☎ 15 98100-5073



CPB Livraria
Acesse e confira
a livraria mais próxima



Baixe o
Aplicativo



 **CPB**